

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA E CULTURA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS CULTURAIS E DE GÊNERO
ORIENTADORA: PROF^a DR^a LIANE SCHNEIDER

**VIOLÊNCIA E MULHERES EM QUADRINHOS INDÍGENAS:
ESTÓRIAS QUE RESISTEM**

NOELE NATÁLIA MIRANDA RODRIGUES

**João Pessoa
Novembro/2020**

NOELE NATÁLIA MIRANDA RODRIGUES

**VIOLÊNCIA E MULHERES EM QUADRINHOS INDÍGENAS:
ESTÓRIAS QUE RESISTEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura e Cultura

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais e de Gênero

Orientação da Prof.^a Dr.^a Liane Schneider

João Pessoa
Novembro/2020

**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

R696v Rodrigues, Noele Natália Miranda.

Violência e mulheres em quadrinhos indígenas : histórias
que resistem / Noele Natália Miranda Rodrigues. - João
Pessoa, 2020.

71 f. : il.

Orientação: Liane Schneider.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Violência - Mulheres indígenas. 2. Romance gráfico.
3. Cultura indígena. 4. Will I see. 5. Quadrinhos. I.
Schneider, Liane. II. Título.

UFPB/BC

CDU 364.632-055.2(043)

NOELE NATÁLIA MIRANDA RODRIGUES

**VIOLÊNCIA E MULHERES EM QUADRINHOS INDÍGENAS:
ESTÓRIAS QUE RESISTEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

APROVADA EM: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Liane Schneider (UFPB/PPGL) – Presidente

Profa. Dra. Rubelise da Cunha (FURG/PPG) – Membro Externo

Profa. Dra. Luciana Calado Deplagne (UFPB/PPGL) – Membro Interno

Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Leite (UFPB/DDLT) – Membro Suplente Interno

Dedicatória

Às mulheres e meninas indígenas vítimas da violência colonial.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Liane Schneider, por ter me incentivado, me apoiado e por ter acreditado em mim. A realização dessa pesquisa só foi possível com sua orientação.

À Luciana Calado, por participar da qualificação e pelas valiosas contribuições dadas.

À Maria do Rosário, por todo o apoio dado antes, durante e depois da qualificação.

Aos membros da banca de defesa, por aceitarem participar e ler o material em data tão próxima do final do ano.

A Sylvain Rheault, pela oportunidade de participar de sua pesquisa no Canadá, fato que tanto inspirou a realização desta dissertação.

Ao PPGL e, em especial, à Ana Marinho por todo o apoio dado.

A minha maravilhosa mãe; obrigada por tanto.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar o *graphic novel* de autoria indígena intitulado *Will I See* (2016), de iskwé e David Alexander Robertson, por uma perspectiva crítico-teórica interessada na discussão e denúncia da violência exercida historicamente contra mulheres indígenas. Desse modo, buscamos analisar como o tema do desaparecimento e morte de mulheres indígenas é retratado no romance gráfico selecionado para nosso estudo e como publicações de histórias em quadrinhos produzidas por indígenas, em geral, têm sido relevantes para a discussão do tema no Canadá. A partir da leitura de textos teóricos e críticos definidos como fundamentais para este trabalho de pesquisa, nos propomos, num primeiro momento, a refletir sobre a utilização deste gênero pelos indígenas canadenses; neste sentido, buscamos verificar características próprias deste gênero literário que certamente tornaram-se atrativos para escritores nativos em tempos contemporâneos e os motivos para essa afinção entre quadrinhos e culturas indígenas. Em seguida, discutimos a questão da violência vivenciada por indígenas, e pelas mulheres indígenas, em particular, no Canadá contemporâneo, com o apoio de discursos que questionam as relações marcadas por sexismo e racismo. Para tanto, nos embasaremos principalmente em estudos de autoras indígenas, como Joyce Green (2007), Allison Hargreaves (2017) e Paula Gunn Allen (1992), no que se refere à questão da violência. Para fundamentar a análise da forma literária utilizada em *Will I See*?, nos apoiaremos em estudos como os de Will Eisner (2008) e Gérard Genette (2009), entre outros. Finalmente, nosso objetivo com a pesquisa foi colaborar com estudos que questionam, a partir de pontos de vista pós ou decoloniais, as relações de poder estabelecidas na sociedade canadense contemporânea, que continuam marcadas por violências bastante seletivas a partir de critérios de gênero e raça.

Palavras-chave: Violência; romance gráfico; mulheres indígenas; *Will I see*.

ABSTRACT

This thesis aims to analyse the graphic novel *Will I See?* (2016), written by two Indigenous Canadian writers, iskwé e David Alexander Robertson, from a critical theoretical perspective interested in denouncing violent actions historically exerted against Indigenous women. Therefore, our goal is to analyze how the theme of missing and murdered Indigenous women is portrayed in the *graphic novel* selected for our study; We discuss the way the publishing of comic books produced by Indigenous authors have been relevant for the discussion of such a subject in contemporary Canada. Departing from the reading of theoretical and critical references on the subject, our purpose is to reflect on this genre (*graphic novel*), discussing its characteristics, which have often been used by Indigenous people to create their literary representations. We also discuss violence experienced by First Nations, especially by their women living in Contemporary Canada, taking into consideration studies questioning sexism and racism, mainly the one directed against native people. In this sense, we take studies by Joyce Green (2007), Allison Hargreaves (2017) and Paula Gunn Allen (1992) to discuss violence attached to Indigenous women. As a support for our reading of the literary production we are analyzing, we will take studies by Will Eisner (2008) and Gérard Genette (2009) into account, among others. Finally, our aim along this research was to collaborate with the questioning, from the perspective of post- or decolonial views, of the power relations established in contemporary Canadian society, which keep being marked by a very selective type of violence, based on racial and gender criteria.

Keywords: Violence; *graphic novel*; Indigenous women; *Will I see*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
 CAPÍTULO 1 - TEXTOS E DESENHOS JUSTAPOSTOS: O GÊNERO	
QUADRINHOS E A EXPERIÊNCIA INDÍGENA.....	18
1.1 Breve Histórico das Histórias em Quadrinhos.....	19
1.2 A Experiência dos Indígenas no Canadá.....	22
 CAPÍTULO 2 - VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES INDÍGENAS.....	
2.1 As Raízes Coloniais da Violência.....	31
2.2 Desaparecimento e morte de mulheres indígenas.....	37
2.3. Representações artísticas da violência.....	39
 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO OBJETO.....	
3.1 Elementos Paratextuais.....	48
3.2 Análise de <i>Will I See?</i>	55
 BREVES CONCLUSÕES.....	
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

Quando dei início à Graduação em Letras na Universidade Federal da Paraíba, meu foco logo foi o ensino de Língua Inglesa num sentido amplo. Porém, após cursar a disciplina de Cultura dos Povos de Língua Inglesa, ministrada pela Profa. Dra. Liane Schneider, surgiu o interesse pela literatura indígena e a história dos povos indígenas da América do Norte, já que a disciplina era organizada a partir de um enfoque crítico ao sistema colonial imposto nas Américas a partir do século XVI. Desta forma, a partir destes contatos com a literatura nativa, passei a assistir, como ouvinte, as reuniões do grupo de pesquisa da Prof.a. Liane Schneider sobre a violência na narrativa indígena contemporânea, na época, incluindo alunos PIBIC e mestrandos.

No final de 2017, fiz minha inscrição para uma bolsa de pesquisa no Canadá, a *Globalink Research Internship*, da MITACS. Fui selecionada no começo de 2018 para fazer estágio de pesquisa na Universidade de Regina, no grupo de Pesquisa intitulado “Narration Visuelle dans les cultures des Premières Nations”. O grupo, coordenado pela Prof. Dr. Sylvain Rheault, tinha por objetivo pesquisar histórias em quadrinhos e graphic novels escritos pelos povos das Primeiras Nações. O estágio de pesquisa foi realizado de maio a agosto de 2018 e foi de grande importância para redefinir meu objeto de pesquisa para o Mestrado.

No final de 2017, apliquei para a seleção do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), concorrendo às vagas para orientação da Profa. Dra. Liane Schneider, na linha de pesquisa Estudos Culturais e de Gênero. Para o processo seletivo, submeti o pré-projeto de pesquisa intitulado “Com quantas vozes se faz uma história? Um olhar sobre a Escrita de Si de Susan Power em *Roofwalker*”, o qual foi selecionado. O mestrado teve início em março de 2018 e antes do início do curso eu já tinha recebido a confirmação de que tinha sido selecionada para realizar o estágio de pesquisa no Canadá.

O projeto de pesquisa do qual participei enquanto estive no Canadá me aproximou ainda mais da Literatura indígena e me proporcionou conhecer mais

sobre a forma literária das Histórias em Quadrinhos. Além disso, no período que passei no Canadá, tomei consciência da epidemia que assola o país no que diz respeito ao desaparecimento e morte de mulheres indígenas. Em decorrência disso, resolvi mudar meu objeto de pesquisa no Mestrado e optei por pesquisar romances gráficos escritos por indígenas e que tratassem do referido tema, ideia aprovada pela minha orientadora.

Desta forma, a presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB e concentrada na linha de Estudos Culturais e de Gênero, tem por objetivo desenvolver a análise de um romance gráfico, escrito coletivamente por indígenas canadenses e que aborda a temática do desaparecimento e da morte de mulheres e meninas indígenas, buscando verificar como as histórias em quadrinhos, como gênero literário, funcionam para tratar do referido tema. Para o corpus desta pesquisa, selecionamos o *graphic novel* “*Will I see?*” (2016), escrito por David A. Robertson em coautoria com a cantora indígena iskwé¹ (Cree²/Dene) e ilustrado por GMB Chomichuk. Anteriormente havíamos planejado trabalhar também com “*Betty: The Helen Betty Osborne Story*” (2015), escrito por David Alexander Robertson (Cree) e ilustrado por Scott B. Henderson. Contudo, por questões outras, resolvemos nos ater apenas ao primeiro *graphic novel* citado, *Will I see?*.

Por muito tempo, as histórias em quadrinhos foram consideradas como um gênero “menor”, sendo que recentemente tem havido uma mudança em sentido contrário, tendo este tipo de produção textual adquirido outro status, inclusive aos olhos de leitores/as qualificados/as. É notório o aumento de pesquisas no âmbito acadêmico no que tange os estudos dos quadrinhos, especialmente relacionadas aos romances gráficos, sendo cada vez mais

¹ O nome da cantora e escritora iskwé foi escrito aqui em letra minúscula pois é uma preferência da própria artista.

² Como o número de grupos indígenas é grande e visando dar visibilidade a esses grupos, optamos por colocar o grupo ao qual cada artista indígena faz parte sempre que os mencionarmos pela primeira vez. Cree, de acordo com a Canadian Encyclopedia, é o grupo indígena mais populoso do Canadá. De acordo com o Censo de 2016, 356.655 pessoas se identificavam como sendo da ancestralidade Cree. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/cree>>. Acesso em: 26 de Setembro de 2020.

recorrentes publicações de artigos, dissertações e teses voltados para o estudo deste gênero, no contexto nacional, também, principalmente, na América do Norte.

Apesar do aumento considerável de pesquisas de histórias em quadrinhos nos últimos anos, ainda é pequeno o número de estudos desse gênero escritos por Indígenas. No Brasil, por exemplo, após realizarmos uma busca, não foram encontrados quadrinhos escritos por Indígenas brasileiros e, conseqüentemente, ainda não existem estudos, pois a produção desse gênero por esse grupo ainda não deslanchou, pelo menos não de forma visível ou reconhecida pelas plataformas de pesquisa. Porém, mesmo em países como os Estados Unidos e o Canadá, onde o número de quadrinhos produzidos por indígenas tem crescido cada vez mais, ainda existe uma lacuna no que diz respeito às pesquisas sobre o gênero.

Antes de iniciar as discussões, creio que seja interessante explicar as terminologias que são utilizadas no Canadá no que diz respeito aos povos indígenas, a fim de facilitar a leitura e entendimento dos textos em foco, já que esses termos aparecem em vários momentos ao longo da pesquisa. O termo “índio³”, amplamente utilizado no passado, hoje é evitado por toda a carga histórica e preconceito que ele carrega. Este termo traz ainda todo um estereótipo criado pelo colonizador e que perdura até os dias atuais, tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos. Na Constituição⁴ e documentos oficiais canadenses é utilizado o termo “Aborígene” para designar os povos originários do Canadá. Este não é utilizado fora deste contexto de normas e leis, sendo “indígena” o termo mais usado para se referir a todos os grupos nativos de um modo geral. A título de comparação, podemos considerar situação semelhante no Brasil, onde recentemente passou-se a dar, por respeito e valorização, a nomenclatura ‘indígena’, ao invés de ‘índio’.

São três os povos indígenas reconhecidos perante a lei canadense: os Inuits, os Métis e as “Primeiras Nações”. O povo Inuit refere-se ao grupo indígena que vive nas regiões mais ao norte do Canadá. Já Métis diz respeito aos indivíduos que possuem ancestralidade indígena e europeia. Enquanto nos

³ Indian.

⁴ The Constitution Act, 1982.

documentos oficiais canadenses o termo “índio” foi substituído por Aborígine, o termo “Primeiras Nações⁵” surgiu entre as décadas de 70 e 80 do século passado e até hoje é amplamente utilizado para se referir aos povos originários e seus descendentes, que não são Inuit ou Métis.

Tanto a escolha da temática da violência a ser analisada nesta dissertação, quanto da mídia das histórias em quadrinhos, foi feita por um entrecruzamento de situações. O fato de estar há algum tempo em contato com os estudos indígenas, atendendo às reuniões do grupo de pesquisa da Professora Dra. Liane Schneider, da Universidade Federal da Paraíba, sobre a violência na narrativa indígena contemporânea, me levou a me inscrever, em 2018, para uma bolsa para realizar pesquisa no Canadá.

A MITACS, organização sem fins lucrativos fundada em 1999, seleciona todos os anos alunos de graduação de diversos países para a realização de estágio de pesquisa durante três meses em uma universidade Canadense. O projeto para o qual fui selecionada visava trabalhar com as histórias em quadrinhos produzidas por escritores e ilustradores das Primeiras Nações e foi orientado pelo Professor Dr. Sylvain Rheault, especialista em História em Quadrinhos da Universidade de Regina, Saskatchewan. Apesar do projeto inicialmente se direcionar aos povos das Primeiras Nações, ele também envolveu os artistas Inuits e Métis.

O projeto intitulado “Narration Visuelle dans les Cultures des Premières Nations⁶” tinha como foco principal a realização de entrevistas com os artistas indígenas que trabalhavam com o gênero quadrinhos, envolvendo tanto escritores quanto ilustradores que se dedicam a tal produção. No processo de preparação para as entrevistas, em que estive diretamente envolvida e que incluiu tomar conhecimento de todas as entrevistas já concedidas pelos/as artistas e escritores/as no tocante à temática dos romances gráficos, bem como a leitura das obras produzidas por estas em um sentido mais amplo, não apenas no âmbito da narração visual, mas também outras formas literárias como romances e poemas que tenham sido produzidos, foi possível verificar o quanto a temática da violência

⁵ First Nations.

⁶ Narrativa Visual nas Culturas das Primeiras Nações.

contra as mulheres indígenas permeava, direta ou indiretamente esses materiais, além de ser um tema que surgia em muitas entrevistas concedidas pelos artistas, principalmente por parte das mulheres.

Esse processo levou à tomada de consciência do *Missing and Murdered Indigenous Women and Girls* (MMIWG)⁷ e do grande problema enfrentado pela população indígena na América do Norte no que se refere à violência perpetrada contra as mulheres indígenas. Isso fez com que surgisse o interesse em analisar as histórias em quadrinhos que traziam essa temática e em verificar como e por quê essa mídia tem sido utilizada, cada vez mais, pelos autores indígenas no sentido de denunciar a continuidade de tais atos violentos.

Também vale salientar que obviamente não são apenas as mulheres indígenas as que desaparecem por diversos motivos atrelados à violência na sociedade canadense. Contudo, conforme diversas reportagens e sites ao longo dos últimos anos indicam, as Nativas do Canadá, como indicaremos mais adiante, representam aquele grupo dos desaparecimentos menos investigados e solucionados pelas policiais locais, muito provavelmente por falta de interesse ou prioridade que esses grupos, principalmente suas mulheres, recebem do olhar governamental (e policial) oficial.

Portanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, elencamos os seguintes objetivos específicos: (1) explorar e divulgar as histórias em quadrinhos escritas por indígenas no Canadá no contexto acadêmico brasileiro; (2) levantar e discutir a fortuna crítica dos autores/ilustradores que nos dão sustentação para as análises das obras em foco; (3) analisar como o tema do desaparecimento e morte de mulheres indígenas são retratados no romance gráfico selecionado para nosso estudo; e (4) analisar como as publicações de histórias em quadrinhos têm sido relevantes para a discussão do tema da violência sofrida por mulheres indígenas no Canadá, em particular, podendo impactar o debate sobre a temática em outros contextos também, como por exemplo, o brasileiro.

⁷ O Missing and Murdered Indigenous Women and Girls (MMIWG) diz respeito a epidemia que assola os Estados Unidos e o Canadá no que diz respeito às mulheres e meninas indígenas que desaparecem ou são encontradas mortas

A metodologia a ser empregada para a análise do corpus desta pesquisa é de natureza bibliográfica. As discussões partem da leitura de textos teóricos e críticos que serão utilizados para análise do romance gráfico, procurando entender como as histórias em quadrinhos têm atuado como uma ferramenta importante para tratar do tema da violência sofrida pela mulher indígena e como tem contribuído para o processo de reconciliação. Quanto aos textos a serem utilizados, serão lidas principalmente autoras indígenas sobre a temática da violência que transitam pela área dos estudos pós-coloniais, decoloniais e feministas.

Vale mencionar o romance gráfico *The Betty Osborne Story*, baseado na história real de Helen Betty, uma mulher Cree, da comunidade de Norway House, que foi assassinada em 1971, em Manitoba, Canadá. Apesar de não estarmos analisando este romance gráfico neste momento, o mesmo foi importante por ter sido praticamente o meu primeiro contato com este tipo de narrativa e que dialoga com meu *corpus* para este trabalho. Betty era uma estudante que buscava realizar o sonho de ser professora. Numa certa noite, enquanto caminhava em direção a sua casa, foi abordada por quatro homens em um carro. Eles a sequestraram e a levaram para um local deserto, onde a violentaram e, por fim, cometeram o assassinato.

Quanto ao romance gráfico centralmente analisado nesta pesquisa, “*Will I see?*”, este surgiu de uma colaboração entre a cantora iskwé, sua prima, Erin Leslie, e David Alexander Robertson. A princípio, iskwé e Erin Leslie pensaram em produzir um videoclipe para a música *Nobody Knows*, contando a história sobre a relação da mulher indígena e violência, na busca por alcançar novas audiências no que diz respeito a essa situação tão adversa. Porém, em uma conversa com David Alexander Robertson, este propõe adaptar essa história para os quadrinhos.

A partir disso, surge “*Will I see?*”, que vai abordar a história de May, uma jovem indígena que, nas suas andanças pela cidade, vai encontrando objetos que pertenciam a outras mulheres indígenas que tinham sido mortas e que permanecem como marcas ou resíduos das vidas das vítimas. Ao chegar em casa, sua avó faz desses objetos um colar. No dia seguinte, May sai de casa e é

sequestrada por um homem e acaba sendo levada para um local deserto, conseguindo, porém, sobreviver.

Esse romance gráfico é importantíssimo para discussão do tema da violência no contexto indígena marcado pelo gênero, pois apesar de se tratar de uma ficção, ele traz muito das histórias que ressoam pelo Canadá na atualidade. Essa narrativa gráfica traz como personagem principal uma mulher indígena, jovem, afetada pelo desejo de alguns grupos de apagá-la ou exterminá-la, retirando sua presença da população canadense contemporânea, o que, aliás, dialoga com os desejos de extermínio dos locais desde o início das colonizações europeias nas Américas.

Este estudo, será, então, dividido em três capítulos. O primeiro aborda as histórias em quadrinhos e, mais especificamente, o subgênero romance gráfico, buscando defini-lo, entender seu percurso e, num segundo momento, focalizar nos quadrinhos escritos por indígenas canadenses de forma mais direta. Com isso, tentamos entender como a utilização dessa mídia pelos nativos tem crescido tanto nos últimos anos, pelo menos no contexto da América do Norte.

No segundo capítulo, exploramos o tema da violência contra mulheres indígenas nas Américas pós-colonização, mais especificamente no Canadá, buscando tratar do tema desde suas origens até a situação atual. Neste sentido, revisitaremos alguns textos produzidos por teóricas estudiosas da violência, principalmente indígenas (ou indigenistas) que discutem o feminismo pelo ponto de vista nativo na contemporaneidade, como Joyce Green e tantas outras.

Já no terceiro capítulo, partimos para a análise do romance gráfico selecionado, desde os elementos paratextuais, como capas, disposição de fotos e cores, bem como a construção da narrativa gráfica propriamente dita. Desta forma, buscaremos colaborar com o debate ainda incipiente sobre esse gênero no Brasil, inclusive tentando trazer o debate para o contexto de discussões literárias sobre produções nativas no contexto nacional. Acreditamos que, dessa forma, traremos importante colaboração para a linha de pesquisa “Estudos Culturais e de Gênero”,

construindo um olhar crítico que possa melhor dialogar com a produção cultural contemporânea de populações nativas.

CAPÍTULO 1 - TEXTOS E DESENHOS JUSTAPOSTOS: O GÊNERO QUADRINHOS E A EXPERIÊNCIA INDÍGENA

“The reading of a graphic novel is an act of both
aesthetic perception and intellectual pursuit.”
(Will Eisner)

“(...) Indigenous science-fiction graphic novels and
comics are not entering uncharted territory, but are
reclaiming an already indigenized space (...)”
(Yvonne N. Tiger)

Neste capítulo, buscaremos, num primeiro momento, discutir sobre o percurso das Histórias em Quadrinhos e sua popularização como gênero literário. Apoiando-nos em estudiosos como Eisner (2008) e McCloud (1995), entre outras referências, faremos um levantamento histórico, falando sobre seu surgimento e buscando definir o gênero. Esse breve histórico será importante para iniciarmos a discussão sobre a utilização das histórias em quadrinhos pelos indígenas canadenses, o que nos interessa centralmente, bem como entender o aumento do número de publicações de quadrinhos por esses artistas ao longo dos últimos anos, o que, por sua vez, impactou as mais diversas culturas, inclusive as nativas.

Além disso, a discussão acerca das histórias em quadrinhos e sobre as experiências vivenciadas por indígenas na contemporaneidade nos ajudará a fundamentar a análise do corpus desta pesquisa e a entender como as publicações de romances gráficos têm sido importantes para o debate sobre a questão da violência perpetrada contra mulheres e meninas indígenas no Canadá, servindo como ferramenta na construção de histórias que apresentam outras perspectivas sobre essas temáticas.

Acreditamos também que este tipo de linguagem, usando desenhos de forma central, possa impactar melhor jovens nativos, mais acostumados culturalmente a ler para além do texto gráfico escrito em alguma língua específica.

1.1 Breve Histórico das Histórias em Quadrinhos

Foi a partir do surgimento da imprensa que as histórias em quadrinhos começaram a se solidificar enquanto forma literária/artística e foi essa mesma literatura impressa que fez com que o gênero fosse em seguida difundido. O gênero quadrinhos tal qual é conhecido hoje, teve como marco a publicação de “The Yellow Kid”, de Richard Fenton Outcault, em 1894. Porém, há evidências de narrativas desenvolvidas por meio do uso de imagens muito anteriores a essa data.

Will Eisner, renomado quadrinista estadunidense, utiliza o termo “arte sequencial” para falar da arte que emprega imagens numa ordem específica. Segundo o autor, a história em quadrinho é uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. (EISNER, 2008). Portanto, segundo esse autor, há uma necessária costura entre uma estória, de fato, contada, geralmente reproduzida no papel, mas onde o que se escreve está em relação direta com o que está ali representado imagetivamente.

Já Scott McCloud, em seu livro “Desvendando os Quadrinhos” (1995), define o gênero como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (1995). Baseando-se nesta definição, o autor volta no tempo para mostrar um manuscrito em imagem pré-colombiano descoberto por Cortés em 1519 e que, segundo o autor, pode ser considerado como inserido no gênero quadrinhos.

Um outro exemplo trazido por McCloud é a Tapeçaria de Bayeux. A peça de setenta metros de comprimento, “detalha a conquista normanda da Inglaterra, que começou em 1066” (MCCLOUD, 1995). Assim como a peça descoberta por Cortés, esta tapeçaria pode ser lida em ordem cronológica, constituindo-se, então, como história em quadrinhos, que organiza uma narrativa em sequência de imagens.

Figura 01 - Tapeçaria de Bayeux



(Bayeux Museum⁸)

O autor ainda demonstra que a arte sequencial está presente na produção cultural da humanidade em diversas partes do mundo e, em suas próprias palavras, “além do nosso próprio milênio” (1995), pois é possível fazer, por exemplo, uma leitura das pinturas egípcias. Sendo assim, o autor chega a conclusão de que é difícil definir quando as histórias em quadrinhos realmente começaram, e isso vai ser muito importante para nossa discussão sobre a experiência indígena com esta forma literária no Canadá.

Portanto, os quadrinhos são a combinação harmoniosa de imagens e palavras de uma forma peculiar e que difere um tanto de outras formas artísticas. Sendo assim, os objetos de estudo desta dissertação constituem-se como histórias em quadrinhos e enquadram-se no subgênero denominado romance gráfico, assim denominados por se tratarem de narrativas gráficas mais longas.

⁸ Imagem disponível em: <<https://www.bayeuxmuseum.com/en/the-bayeux-tapestry/>>. Acesso em: 30 de Novembro de 2020.

Segundo Srivastava (2016), “[g]raphic novels estão lentamente ofuscando a forma das séries cômicas tradicionais pois essas apresentam histórias que se sustentam sozinhas, com enredos mais complexos, isso devido aos nossos tempos mais impacientes e caóticos.”. Consequentemente, assim como os romances que diferem de outros gêneros literários, como contos e novelas, principalmente pela sua extensão e aprofundamento de elementos narrativos, o romance gráfico vai assumir uma categoria dentro de um conjunto maior que é o gênero das histórias em quadrinhos.

No que diz respeito à aplicação da arte sequencial, Eisner diz que as funções dessa arte podem ser divididas em duas: instrução e entretenimento. De acordo com ele (2008, p. 139),

[p]eriodical comics, graphic novels, manuais de instrução, e storyboards são os veículos mais comuns. No geral, periodical comics e graphic novels são feitos para entretenimento, enquanto manuais e storyboards são usados para ensinar ou vender algo.

Contudo, analisando as publicações de histórias em quadrinhos produzidas por indígenas no Canadá ao longo da última década, é notável a utilização do gênero como uma ferramenta para educar, instruir e conscientizar a população, tanto indígena quanto não-indígena. A utilização dessa forma narrativa tem sido subvertida e reinventada a fim de que uma apropriação de tais formas tome lugar por parte de quem escreve do ponto de vista pós-colonial ou decolonial. Joy Harjo (1997, p. 22), escritora indígena estadunidense, em seu livro *Reinventing the Enemy's Language: Contemporary Native Women's Writings of North America*, ao tratar da utilização da língua do colonizador pelos indígenas, afirma que:

‘Reinventar’ a língua do colonizador e fazer com que aquelas imagens se movimentem a ponto de refletirem uma imagem do colonizado para o colonizador como em processo de descolonização indica que algo está acontecendo, algo está emergindo e tornando-se mais nítido, que irá politizar e transformar a expressão literária.⁹

⁹ Reinventing’ in the colonizer’s tongue and turning those images around to mirror an image of the colonized to the colonizers as a process of decolonization indicates that something is happening,

Portanto, assim como a língua, essas transformações das formas de expressão que historicamente têm sido creditadas ao colonizador, por meio do poderio econômico e institucional desse, podem sofrer modificações fundamentais, servindo de instrumento de libertação para quem antes estava submetido. A sugestão de Harjo afina-se com proposta anterior de Audre Lorde que, no contexto dos estudos afro-americanos, defendia que só mudando e dominando a linguagem, se poderia mudar e dismantelar as relações estabelecidas e instituições opressivas. Lorde desenvolve essa ideia inicialmente na antologia de *women of color*, organizada por Glória Anzaldúa (1990), e mais detalhadamente na primeira edição de seu livro *Sister Outsider*, em 1994, republicado em 2007.

1.2 A Experiência dos Indígenas no Canadá

Por muitos anos, as histórias em quadrinhos que abordavam a questão indígena no Canadá eram produzidas por não-indígenas, seguindo o mesmo que se percebia em relação à literatura em geral. A história era contada pelo ponto de vista do colonizador, usando seu idioma e suas formas de representação para estabelecer seus relatos. Isso impossibilitava o público de ter contato com a experiência vivenciada a partir do ponto de vista dos indígenas, tendo acesso apenas a fatos muitas vezes distorcidos, com personagens estereotipados, especialmente aqueles do lado dos povos colonizados.

O próprio ensino formal, através de disciplinas como história, literatura, geografia encarregava-se de unificar o relato sobre o que acontecera nas Américas pós-invasões. Essa tendência fez parte, como dito acima, da história da literatura e cultura como um todo, porém, nos quadrinhos, além do texto, as imagens reforçavam ainda mais os estereótipos e poderiam ser assimiladas tanto pelos nativos letrados quanto pelas populações que não liam ou escreviam.

Apesar de atualmente as histórias em quadrinhos produzidas por indígenas no Canadá serem reconhecidas e estar em constante crescimento, é

something is emerging and coming into focus that will politicize as well as transform literary expression.

consideravelmente recente a participação dos indígenas na escrita e produção do referido gênero. De acordo com a publicação *Indigenous comics and graphic novels: an annotated bibliography* (DAIGNEAULT, Taylor Métis et al., 2019), os primeiros romances gráficos e coletâneas de histórias em quadrinhos publicados por nativos em território norte-americano são de 2008, bastante recentes, portanto. Contudo, em seu artigo intitulado “A surge of indigenous graphic novels”, o Professor Dr. Sylvain Rheault da Universidade de Regina, Canadá, identifica quadrinhos escritos por indígenas anteriores ao ano de 2000, porém, esses “podiam ser contados nos dedos de uma mão” (tradução nossa, 2020, p. 01).

Dr. Rheault, que é especialista em histórias em quadrinhos e romances gráficos, tem se dedicado, nos últimos anos, a pesquisar publicações de quadrinhos produzidos por indígenas e tem realizado entrevistas com os escritores e ilustradores, material a partir do qual vem organizando suas publicações. Por ter participado dessa etapa de entrevistas, tive oportunidade de reconhecer o entusiasmo dos indígenas com a produção de suas estórias nesse formato inovador, destacando a grande participação feminina. A maioria dos livros listados em seu artigo, e que compõem sua bibliografia, foram publicados a partir do ano de 2010. Portanto, o ano de 2010 pode ser considerado como um marco para essa produção de quadrinhos escritos por indígenas na América do Norte.

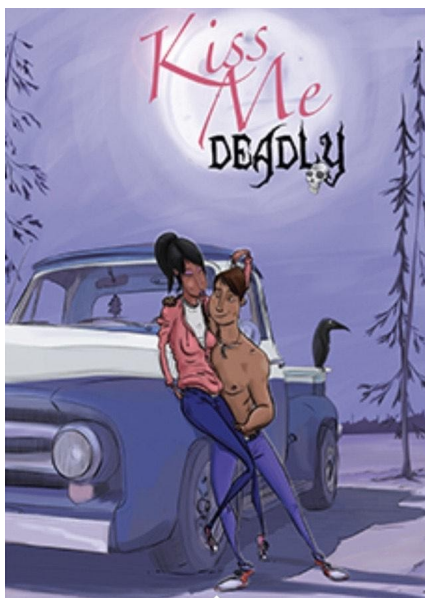
Para entendermos melhor sobre a experiência dos indígenas com a forma literária das histórias em quadrinhos é imprescindível falarmos sobre o *Healthy Aboriginal Network*, sociedade sem fins lucrativos incorporada à província de British Columbia em 2005 e que tinha por responsabilidade e objetivo a promoção da saúde, literacidade e bem-estar aos indígenas. Em 2018, essa sociedade foi incorporada à província de Alberta e atualmente vigora sob o nome de *Indigenous Story Studio* (ISS). A ISS continua, hoje em dia, desenvolvendo o mesmo trabalho ao qual se propôs desde o início e tem se apresentado como um importante meio para divulgação e promoção de assuntos importantes no que diz respeito às comunidades indígenas.

Essa promoção à qual a ISS se propõe é realizada por meio da criação de ilustrações, pôsteres, vídeos e também histórias em quadrinhos sobre

saúde e problemas sociais enfrentados pelos jovens indígenas do Canadá. Dentre algumas das temáticas abordadas pelos materiais produzidos e publicados pela *Indigenous Story Studio* estão primordialmente questões relacionadas à saúde sexual, violência doméstica, saúde mental, prevenção ao suicídio, dentre tantas outras que fazem parte dos problemas sociais enfrentados por muitas comunidades indígenas no Canadá.

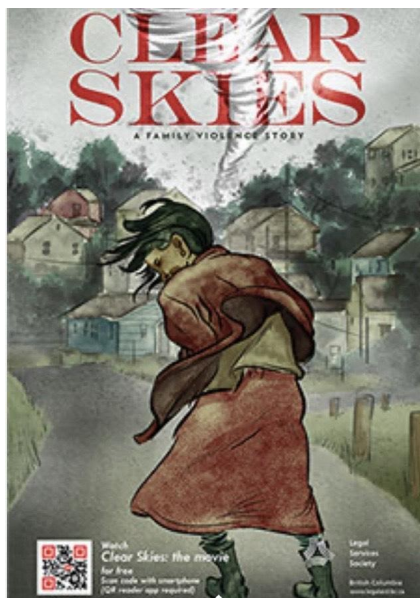
Neste sentido, apenas para fazer referência a alguns outros romances gráficos produzidos por nativos com os quais tivemos contato, podemos destacar que o romance gráfico “Kiss Me Deadly”, por exemplo, trata de questões como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Já “Clear Skies” aborda o tema de violência doméstica e da importância do apoio da comunidade. Percebe-se, portanto, um impulso educativo, que pretende colaborar com a melhoria das condições de vida desses povos. Em seguida, apresentamos as capas desses romances gráficos, para fins de ilustração.

Figura 02 - Kiss Me Deadly



(VAN CAMP, 2011)

Figura 03 - Clear Skies



(HOPKINS, 2018)

Já “Lost Innocence” que, de acordo com o website da ISS, é o mais longo romance gráfico produzido pelo grupo, traz como personagens principais dois irmãos que frequentaram uma escola-internato¹⁰ canadense na década de 30. Apesar de se tratar de ficção, essa estória é baseada nas experiências de indígenas que sobreviveram a essa experiência tão traumatizante e que impactou suas vidas e também de várias gerações posteriores, sendo, até os dias atuais, um grande problema enfrentado no Canadá, que vem sendo tratado pelas Comissões de Reconciliação.

Figura 04 - Lost Innocence



(MITCHELL, 2013)

É importante salientar que muitos dos romances gráficos produzidos e divulgados pela *Indigenous Studio Story* estão disponíveis para download gratuito no site, o que é coerente com a proposta desse grupo, ou seja, atingir com maior facilidade diferentes grupos e camadas de grupos nativos do Canadá.

Ao longo dos anos, têm surgido cada vez mais editoras cujo foco central tem sido a publicação de obras de escritores indígenas. Uma delas é a Highwater Press, que foi responsável pela publicação dos romances gráficos que

¹⁰ Residential school.

fazem parte do corpus desta pesquisa. Esta editora publica livros que retratam a cultura e as experiências dos povos indígenas, incluindo títulos de ficção e não-ficção. Dentre os romances gráficos que fazem parte do seu catálogo, estão os da série chamada “7 Generations”, escrita por David Alexander Robertson e ilustrada por Scott B. Henderson, e também a coletânea de histórias em quadrinhos intitulada “This Place: 150 years retold” (2019) que inclui escritores como Richard Van Camp, Katherena Vermette e Brandon Mitchell. Essa coletânea traz histórias que por muitos anos foram contadas sob o ponto de vista do colonizador; porém, dessa vez e nesses textos, estão sendo contadas sob o ponto de vista dos indígenas.

Em seu artigo intitulado “‘A necessary antidote’: graphic novels, comics, and indigenous writing” (2016), a acadêmica Sarah Henzi analisa essa escolha pela mídia dos quadrinhos e dos romances gráficos por parte dessa nova geração de escritores indígenas como forma de questionar os relatos anteriores, construídos pela perspectiva do dito “vencedor” da história. De acordo com Henzi, “(...) esses tipos de produções – ou melhor, de intervenções – exigem uma mudança necessária na visão de mundo, reflexo de um link direto a um passado de colonialismo, e a conexão inegável a um imperialismo da contemporaneidade¹¹” (2016). Portanto, todo esse “novo” movimento em torno das histórias em quadrinhos surge como um importante meio para mudar as formas como as histórias sobre indígenas eram e são contadas, além de possibilitar, através das imagens, também uma mudança relacionada à maneira como o indígena é retratado visualmente e, portanto, como esse se enxerga.

(...) representações *mainstream* frequentemente negam o real desaparecimento ou assassinato de mulheres indígenas como consequência material de tais representações racistas. É por essa razão que LaRoque, entre outras, identifica uma ‘relação direta’ entre estereótipos desumanizadores, violência constante contra

¹¹ “(...) these types of productions—or rather interventions —call for a necessary change in world-view, a reflection on the direct link to a past of colonialism, and the undeniable connection to a contemporaneity of imperialism.”

mulheres indígenas e um clima geral de apatia pública.
(HARGREAVES, 2017, p. 15)¹²

Por outro lado, vale lembrar que a escritora Linda Hutcheon (1991, p. 14) argumenta que Hayden White (2001) e Michael de Certeau (2006) investigaram a relação entre o discurso histórico e sua relação com o discurso literário, levantando questões como: “as da forma narrativa, da intertextualidade, das estratégias de representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico”. Ela acrescenta que os autores supracitados questionaram também as “consequências epistemológicas e ontológicas do ato de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura- como uma certeza” (p. 14).

Ainda que os autores mencionados por Hutcheon, bem como o próprio trabalho da autora, não se voltem especificamente aos estudos indígenas, o olhar que esses constroem sobre a relação história/ficção foram fundamentais para que se compreendesse que o conhecimento é construído pelas narrativas que circulam, havendo um embate entre versões, geralmente dominado pelos grupos hegemônicos, que controlam o discurso e os documentos ditos oficiais.

Além disso, acreditamos que, pelo fato de justaporem imagens e textos, chamando a atenção de quem lê por duas frentes, os atuais romances gráficos prestam mais um trabalho aos estudos contemporâneos, como aponta SRIVASTAVA (2016, p. 591)¹⁴,

Os romances gráficos transformaram-se em um meio potente de interação com a sociedade num sentido amplo, pois eles têm vantagem por usar ferramentas visuais e literárias. Pode-se também que incorporam o melhor dos mundos já que o romance, como gênero, oferece ‘a mais alta zona de contato aos leitores’ (como sugerido por Mikhail Bakhtin em O Épico e o Romance) e as

¹² “(...) mainstream representations often disavow the actual disappearance or murder of Indigenous women as the material consequence of these racist misrepresentations. It is for this reason that LaRocque and others identify a ‘direct relationship’ between dehumanizing stereotypes, ongoing violence against Indigenous women, and a general climate of public apathy.” (HARGREAVES, 2017, p. 15)

ferramentas visuais ou qualquer coisa visual que seja tem grande impacto sobre nossos sentidos.¹³

Assim, nosso interesse nesse trabalho se posiciona do lado daqueles que contam outras histórias, utilizando, tanto quanto o possível, ferramentas alternativas, como desenhos, símbolos e sequências de imagens que impactam, talvez da forma mais concreta, possíveis leitores. Neste sentido, a fim de fechar esse capítulo afinadas com as ideias que valorizam a construção e relação entre símbolos gráficos e textos, deixamos claro que estamos cientes da importância do papel de quem lê, ao se aproximar de qualquer texto, dos romances gráficos em particular:

Os romances gráficos exigem uma participação ativa dos leitores. Esses (e essas) devem compreender que cada imagem incluída no painel contribui para o significado e desenvolvimento do enredo. Enquanto olhamos para as imagens, ondas físicas chegam a nossas retinas e nossos cérebros decodificam essas como estruturas com significado. (SRIVASTAVA, 2016, p. 595)¹⁴

Esperamos que nosso estudo de *Will I see?* funcione desta forma – nos permitindo entender os códigos sobre uma temática dura, apresentada pelo olhar aborígine de forma menos pesada devido à forma escolhida, mas que nem por isso diminui sua carga política – de denúncia e exigência de reparação, se possível. Seguiremos neste caminho nos próximos capítulos, discutindo a violência que permeia a história e analisando seus vários elementos.

¹³ Graphic novels become a powerful medium to interact with the society at large because of its advantage of using both visual and literary devices. One can also say that it incorporates the best of both the worlds because novel as a genre offers 'the highest contact zone to the readers' (as suggested by Mikhail Bakhtin in *Epic and Novel*) and visual devices or anything visual for that matter has greatest impact on our senses . (p. 591)

¹⁴ Graphic novels require an active participation of the readers. They ought to comprehend that each and every image, included in the panel, contributes to the meaning and development of the plot. As we look at the images, physical waves hit our retinas and our brains decode them as meaningful structures.

CAPÍTULO 2 - VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES INDÍGENAS

Violence against Indigenous women is an ongoing crisis with roots deep in Canada's colonial history.
(Hargreaves)

Neste capítulo, focaremos na questão da violência vivenciada pela mulher indígena no Canadá, buscando tratar do tema, ainda que brevemente, desde sua origem até os dias atuais. Ainda que a situação discutida possa ser verificada em outros locais e povos originários das Américas, neste momento estarei centrada no contexto canadense, que dialoga com os quadrinhos que mais adiante analisaremos. Para tanto, nos propomos a dialogar com a crítica produzida principalmente por estudiosos indígenas, a fim de verificar de que forma especialistas com outras cosmovisões constroem suas perspectivas críticas sobre o tema.

Claro que, a fim de compreender de forma mais ampla o boom de discursos e práticas indígenas na área das artes e literaturas que passaram a se manifestar contra as opressões que se impuseram ao longo de séculos sobre seus modos de vida e de expressão nas Américas, temos de levar em conta os impactos de algumas áreas de estudo sobre a formação dos sujeitos em tempos mais recentes, principalmente pela perspectiva das mulheres e a forma como essas imposições culturais as impactaram. Sem dúvida, mudanças em vários discursos progressistas também colaboraram com a maior visibilidade desses sujeitos que costumavam ser jogados em territórios menos visíveis pelas regras impostas ao longo de séculos de colonização.

A segunda metade do século XX foi inquestionavelmente o tempo das desestabilizações nas concepções tradicionais e estáveis de mundo, quando o plural passou a tomar conta das teorias variadas que foram se desenvolvendo

neste continente ou nos discursos sobre ele. Podemos afirmar que as teorias pós-coloniais, decoloniais, feministas, entre outras, passaram a colaborar com o engrossar e tornar mais audíveis vozes indígenas que já questionavam as cosmovisões impostas nas Américas desde 1492. Através dessas vozes questionadoras, foi possível construir coalizões entre grupos potencialmente parceiros nas investidas contra a violência colonial, que continua a se manifestar mesmo em tempos pós-independência. Sem dúvida, houve um discurso teórico construído a partir da academia, mas também houve reação dos movimentos comprometidos com seus grupos étnicos, entre os quais, o indígena.

Como coloca Joyce Green (2007, p. 14), na introdução ao livro *Making Space for Indigenous Feminism*, ao longo dos anos em que tem estudado a organização política de mulheres indígenas, ela percebeu que,

(...) Mulheres aborígenes que se organizam em torno de temas aparentemente feministas raramente se identificam como feministas. Contudo, conheci mulheres aborígenes que dedicaram grande parte de suas vidas ao ativismo político utilizando explicita ou implicitamente análises feministas. Essas mulheres procuraram exigir direitos para as mulheres aborígenes. Nenhuma tentou destruir suas comunidades, suas identidades ou suas culturas: bem ao contrário disso.¹⁵

Joyce Green, portanto, aqui trata das questões relacionadas às lutas das mulheres indígenas por equidade e contra opressão na sociedade, trazendo à tona uma discussão importantíssima sobre o feminismo indígena. Ainda que muitas das mulheres indígenas não se digam feministas, buscam objetivos de

¹⁵ (...) Aboriginal women who organized on apparently feminist issues rarely identify as feminist. Yet I knew that Aboriginal women who had dedicated a large part of their lives to political activism who deployed an explicit or implicit feminist analysis. These women sought to claim rights for Aboriginal women. None sought to destroy their communities, their identities or their cultures: quite on the contrary.

autonomia e igualdade de direitos afinados com as agendas dos feminismos contemporâneos com os quais, por vezes, estabelecem parcerias. Dessa forma, essas vozes teóricas progressistas colaboraram ao destacar e analisar ações, textos, filmes, produções culturais, enfim, produzidas por aborígenes a partir de enfoques revolucionários e questionadores do contexto canadense, que sempre continua a se mostrar bastante violento para pessoas não brancas, não europeias em suas origens, enfim, para quem sempre esteve nestas terras.

Neste sentido, além de Green e outras teóricas sobre a literatura indígena, também nos apoiaremos em estudos como “Violence Against Indigenous Women: literature, activism, resistance”, de Allison Hargreaves (2017), que aborda a questão da violência contra as mulheres indígenas e traz dados muito importantes que contribuíram enormemente para esta pesquisa.

Buscaremos entender como a questão é tratada nos mais variados gêneros artístico-literários por produtores culturais indígenas, ainda que de forma breve, para então chegarmos à discussão das histórias em quadrinhos e como os vários tipos de violência contra mulheres indígenas são retratados nesse gênero e a importância de abordar esse tema na atualidade.

2.1 As Raízes Coloniais da Violência

As mais variadas formas de violência vivenciadas pelas mulheres indígenas na atualidade têm suas origens a partir do momento em que os

colonizadores invadiram suas terras. O processo de apagamento cultural ao qual os indígenas foram submetidos, os maus tratos e crimes cometidos durante o funcionamento das “Residential schools”, e o “Sixties Scoop” foram alguns dos processos que levaram à atual situação na qual se encontram os diversos povos indígenas no Canadá, e em especial, as mulheres desses grupos. Para tanto, será imprescindível falarmos desses fatores com mais detalhes, para entendermos melhor a atual situação no referido país.

Remontando o início da colonização, temos o encontro de indivíduos que diferiam entre si, não apenas fisicamente, como em termos de experiências, ocorrendo também um choque cultural, onde a língua, a forma de viver, as crenças dos povos que chegaram e dos que estavam no Canadá eram muito distintas. Diferença por si só não seria problema, mas sim, a hierarquização desses grupos diferentes, submetendo os nativos às regras e interpretações dos europeus através da força física ou da tentativa de subjugação cultural.

Segundo Andrea Smith (2007, p. 102),

Antes da colonização, as sociedades nativas não eram, em sua maioria, dominadas pelos homens. As mulheres também exerciam a função de líder espiritual, político e militar. Muitas sociedades eram matrilineares e matrilocais. A violência contra as mulheres e crianças era incomum e desconhecida em muitas tribos.¹⁶

Nesse sentido, quando pensamos no papel das mulheres nessas duas realidades, tanto a defendida pelo colonizador quanto pelo colonizado,

¹⁶ Prior to colonization, Native societies were, for the most part, not male dominated. Women served as spiritual, political and military leaders. Many societies were matrilineal and matrilocal. Violence against women and children was infrequent or unheard of in many tribes.

vemos que essas eram, de fato, muito diferentes. Enquanto o patriarcalismo era o sistema adotado pelo colonizador, tendo o homem como figura central, o masculino dominando as mais variadas posições da sociedade, no contexto indígena, a mulher era um elemento importante, assumindo papéis de destaque na sociedade. De acordo com a escritora Paula Gunn Allen,

O genocídio físico e cultural das tribos indígenas Americanas teve e tem muito a ver com o medo patriarcal da ginocracia. Particularmente os Puritanos, mas também Católicos, Quakers, e outros missionários cristãos não toleravam povos que permitissem que suas mulheres ocupassem posições proeminentes e com poder decisão em qualquer nível de suas sociedades¹⁷.

A própria lei ainda reflete o passado de colonização. O *Indian Act*, por exemplo, foi um estatuto introduzido pelo governo canadense em 1876 para regular o *status* dos indígenas no Canadá e gerenciar as terras das reservas, o qual está em vigor até hoje. É neste regulamento onde se encontram os padrões instituídos pelo governo para que um indivíduo seja reconhecido como indígena. Apesar desse documento já ter passado por várias emendas, hoje em dia, ele se mantém em grande parte na sua forma original. Por exemplo, até hoje ele não engloba todos os indígenas canadenses. O regulamento é destinado apenas aos povos das Primeiras Nações, excluindo os povos Métis e Inuit, o que, por não dar tratamento legal semelhante, dificulta a unidade e coalizão entre esses grupos.

O *Indian Act* afetou a vida de muitos indígenas e, em especial, das mulheres destes grupos, pois foi um documento que regulamentou uma diferenciação entre homens e mulheres, passando a discriminar as mulheres indígenas perante a lei.

¹⁷ [t]he physical and cultural genocide American Indian tribes is and was mostly about patriarchal fear of gynocracy. The puritans particularly, but also the Catholic, Quaker, and other Christian missionaries, like their secular counterparts, could not tolerate peoples who allowed women to occupy prominent positions and decision-making capacity at every level of society.

A mulher indígena que se casasse com um não-indígena, por exemplo, perderia seu *status*, o mesmo não acontecendo com um homem indígena na mesma situação.

Poucos anos após a instituição do Indian Act, o governo canadense juntamente com a igreja católica, fundou as chamadas Residential Schools, instituições que funcionavam em regime de internato e tinham o propósito de, por meio de processo assimilatório, “integrar” o indígena à sociedade canadense. Essas “escolas” entraram em funcionamento a partir de 1880 e muitas crianças e jovens foram retirados de suas famílias e mantidas em tais instituições, onde sofreram inúmeros tipos de violência: física, sexual, psicológica, entre outras. No total, é estimado que pelo menos 150.000 indígenas frequentaram instituições deste tipo no Canadá.

Nas *Residential Schools*, as crianças passavam por um processo de apagamento cultural de suas origens. Elas vestiam uniformes, tinham seus cabelos cortados iguais aos padrões europeus da época e eram estritamente proibidas de falar o idioma de suas tribos. Elas eram também batizadas e tinham seus nomes mudados, tudo isso como forma de apagar a sua cultura e sua história. De acordo com Smith (2007, p. 102),

[n]os internatos, ao contrário, a violência sexual, física e emocional proliferava. Algo particularmente brutal era o fato de que as crianças indígenas em tais escolas oficiais eram envolvidas na execução de punições umas às outras. Por exemplo, em algumas escolas as crianças eram forçadas a bater em outras sob ameaça de que se não batessem suficientemente forte, elas seriam as severamente espancadas.¹⁸

O romance gráfico *Lost Innocence*, escrito por Brandon Mitchell (Mi'kmaq) e ilustrado por Tara Audibert (Wolastoqiyik), demonstra bem o que foram as escolas residenciais, contando a história de dois irmãos que foram retirados da

¹⁸ “[i]n boarding schools, by contrast, sexual/ physical/ emotional violence proliferated. Particularly brutalizing to Native children was the manner in which school officials involved children in punishing other children. For instance, in some schools, children were forced to hit other children with the threat that if they did not hit hard enough, they themselves would be severely beaten.

família sob a falsa ideia de que se tornariam pessoas letradas e que isso seria importante para eles se integrarem ao novo contexto.

Figura 05 - Lost Innocence 2



(MITCHELL, 2013)

A última *Residential School* do Canadá foi fechada apenas em 1996 e foi em 2008 que o governo canadense reconheceu todos os danos causados por essas instituições, pedindo, através do seu Primeiro Ministro, oficialmente desculpas aos povos indígenas: tanto aos sobreviventes desse genocídio cultural, quanto aos seus descendentes que sofrem até os dias de hoje devido ao intergenerational trauma

Muitos descendentes de indígenas que frequentaram as *Residential Schools* passaram por outra prática assimilatória que teve início no Canadá no final da década de 50. O chamado Sixties Scoop consistia na retirada de crianças indígenas de suas famílias para direcioná-los a lares adotivos, muitas vezes temporários. Em uma reportagem publicada por Christopher Dart na CBC, este

afirma que, em relação às mães solteiras, muitas “(...) eram pressionadas por médicos, enfermeiros e assistentes sociais a entregar as crianças logo após o nascimento”. Percebe-se aí uma tentativa de doação forçada em um momento nem sempre fácil para mulheres jovens, muitas vezes mães solteiras.

Portanto, pensando mais especificamente na questão da mulher indígena, é possível perceber o quanto o processo de colonização impactou e alterou o status desse grupo e como isso desencadeou o atual cenário de violência ao qual essas mulheres se encontram parcialmente submetidas ou expostas. Em capítulo intitulado Métis and feminist, publicado no livro de Andrea Smith, já citado, a ativista e escritora canadense Emma LaRocque (2007, 54-55) aponta que:

Mulheres aborígenes vivenciam a opressão política de várias formas. Nossa alienação dos processos institucionais e de posições de liderança original tanto em instituições dominadas por homens, quer brancos quer indígenas, é evidência disso. As mulheres aborígenes não gozaram de inclusão imediata ou papéis de liderança nas esferas públicas tanto na sociedade Canadense como nos altos escalões das organizações políticas aborígenes nacionais. E tampouco receberam tratamento igualitário por parte da Legislação Canadense ou da governança Aborígene. Continuam a enfrentar discriminação em larga escala nos setores sociais e econômicos.

Portanto, seguindo este quadro tenso e nada positivo no que se refere às mulheres indígenas no Canadá contemporâneo, que, segundo LaRocque, persiste na sociedade atual, é necessário que desigualdades e discriminações dessas sejam tratadas por várias vertentes: literárias, artísticas, políticas, educacionais e, inclusive, policiais, como veremos a seguir.

2.2 Desaparecimento e morte de mulheres indígenas

Entre os anos de 1980 e 2012, aproximadamente 1.200 mulheres e meninas indígenas foram mortas ou desapareceram, de acordo com um relatório da Royal Canadian Mounted Police. Contudo, esses dados estão longe de corresponderem à realidade. Segundo uma reportagem da BBC¹⁹, “o número de mulheres indígenas desaparecidas ou mortas no Canadá, a partir de 1980, pode chegar a 4.000”. De acordo com Hargreaves (2017, p. 02),

Estatísticas como essas são mais significativas quando olhadas por um ponto de vista comparativo: Mulheres indígenas são alvos da violência de gênero em níveis muito mais altos do que mulheres não indígenas no Canadá. Por exemplo, uma estatística governamental apontou que mulheres indígenas com idade entre vinte e cinco a quarenta e quatro anos tem cinco vezes mais chance de morrer em resultado da violência do que as outras mulheres²⁰.

Essas estatísticas tornam-se ainda mais assustadoras quando levamos em consideração que hoje, no Canadá, o número de mulheres indígenas corresponde a apenas 4% da população total de mulheres. Portanto, podemos concluir que a violência direcionada a elas é gigantesca, pois, mesmo em porcentagem menor na população, são as mais agredidas.

Ainda de acordo com Hargreaves (2017, p. 02), “O atual *Committee on the Status of Women* reportou ao parlamento que as mulheres e meninas indígenas estão igualmente sujeitas a serem assassinadas por um estranho ou

¹⁹ “The number of missing or murdered indigenous women in Canada since 1980 may be as high as 4,000”. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-35590442>>. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

²⁰ Statistics like these are perhaps more meaningful when taken in comparative terms: Indigenous women are targeted for gendered violence at much higher rates than non-Indigenous women in Canada. For instance, a government statistic finds that Indigenous women aged twenty-five to forty-four are five times more likely to die as the result of violence than all other women.

conhecido do que por um parceiro íntimo²¹. Podemos observar, segundo o mesmo comitê, que isso é bastante diferente do que ocorre com “mulheres não indígenas, cujas taxas de homicídio são muito mais frequentemente atribuídas à violência exercida por parceiros íntimos²²”. Esse é um grande problema enfrentado pela população indígena no Canadá e que ainda é negligenciado pela polícia e pelo próprio governo, que não cria meios para combater essa epidemia que assola o país e tampouco avança em políticas sérias de resolução dessa problemática.

Em 2016, o governo canadense estabeleceu um inquérito nacional do desaparecimento de morte de mulheres e meninas indígenas (MMIWG²³), que tem por objetivo investigar e relatar as causas sistêmicas de todas as formas de violência contra mulheres indígenas²⁴. O inquérito, porém, vai além da investigação sobre os casos de desaparecimentos e assassinatos de mulheres indígenas: ele busca também tratar de problemas como violência sexual, violência doméstica, suicídio, entre outros.

Segundo a Native Women's Association of Canada, associação nacional que representa a voz política de mulheres indígenas no Canadá, entre os anos de 1997 e 2000, a taxa de homicídios para mulheres indígenas era aproximadamente sete vezes maior do que a taxa para mulheres não-indígena²⁵. Esses dados são muito importantes, pois mostram que com o passar dos anos o índice de violência contra mulheres indígenas tem se mantido, e o quanto é

²¹ Canada, House of Commons, Standing Committee on the Status of Women, Call into the Night: An Overview of Violence against Aboriginal Women, 3rd sess., 40th Parliament, March 2011, <http://www.parl.gc.ca/HousePublications/Publication.aspx?DocId=5056509&Language=E>.

²² Ibid.

²³ O termo MMIWG (Missing and Murdered Indigenous Women and Girls) é amplamente utilizado no Canadá para se referir à epidemia do desaparecimento e morte de mulheres indígenas.

²⁴ <https://www.mmiwg-ffada.ca/mandate/>

²⁵ <https://www.nwac.ca/about/>

necessário que esse problema seja reconhecido por todos os membros da sociedade e que mais políticas públicas e ações sejam tomadas.

2.3. Representações artísticas da violência

As culturas indígenas, como todos os agrupamentos étnico-culturais, constroem e repassam seus valores através de histórias. Nas nativas, o ato de contar histórias sempre foi ainda mais fundamental, tendo como um dos principais objetivos a transmissão de conhecimentos e a busca pela manutenção das referências e do equilíbrio das comunidades, de forma alternativa e resistente às culturas letradas que se impuseram nas Américas a partir do século XV. As literaturas escritas por estes grupos, portanto, carregam marcas dessa oralidade e dessas “histórias vivas”, que circulam em diversas línguas utilizadas hoje pelos nativos americanos.

Segundo Graça Graúna (2013, p. 15), estudiosa indígena brasileira, a literatura indígena contemporânea é um lugar de sobrevivência. Ela defende que esse tipo de literatura “vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado”. Enfim, podemos afirmar que a resistência artístico-literária veio através do uso das ferramentas que os colonizadores trouxeram, como a escrita em si, mas para um uso diverso, que reafirma as culturas imemoriais. Assim, é perceptível que os indígenas têm produzido cada vez mais e utilizado as mais variadas mídias para expor a riqueza

da sua história, seus antepassados, bem como a realidade enfrentada na sociedade atual.

Como afirmou Liane Schneider (2008, p. 57) ao se referir à literatura de indígenas estadunidenses, “[o]s povos indígenas não aceitam mais serem repetidamente estudados no tempo passado, como se suas vidas fossem de interesse exclusivo de museus. Os povos indígenas americanos estão vivos e muito produtivos nesse começo de novo século”. Inclusive, vale observar que, em todas as Américas, indígenas têm utilizado várias mídias, as novas tecnologias, rádios, podcasts, filmes a fim de se manifestarem e construírem suas visões de cultura e mundo. Obviamente, a violência contra as culturas dos povos indígenas tem frequentemente surgido como temática em tais produções.

De fato, podemos facilmente verificar que a violência contra as mulheres indígenas tem sido representada e problematizada em diversas formas artísticas. No cinema, por exemplo, foi lançado em 2017 o filme *Wind River*, dirigido e escrito por Taylor Sheridan. O filme gira em torno da investigação do assassinato de uma jovem indígena, em Wyoming, Estados Unidos. Mais recentemente, em 2019, foi lançado o filme *The Body Remembers When the World Broke Open*, dirigido por Elle-Máijá Tailfeathers (Blackfoot e Sámi) and Kathleen Hepburn, que vai tratar sobre violência doméstica sofrida por uma mulher indígena.

Sherman Alexie (Spokane), que vive em Seattle, EUA, é outro escritor que escreveu e produziu poemas e filmes indígenas, alguns inclusive premiados, como *Smoke signals* (1999). Alexie se diz como alguém

declaradamente contra qualquer tipo de discriminação, principalmente em relação aos indígenas. O campo literário e fílmico tem se mostrado profícuo para que os indígenas organizem seus discursos de resistência, de resiliência cultural.

Muitas escritoras indígenas têm tratado do tema da violência contra mulheres em romances, autobiografias, poemas, etc. Um dos nomes de destaque é a escritora Maria Campbell (Métis) que em 1973 publicou sua autobiografia *Halfbreed*, onde fala sobre sua experiência como uma mulher Métis no Canadá. O livro teve duas de suas páginas retiradas antes da publicação por conter relatos do estupro sofrido por Campbell na década de 50, por um oficial da RCMP (Real Policia Montada do Canadá). De acordo com uma reportagem da CBC²⁶, as páginas foram encontradas pela pesquisadora assistente Alix Shield no começo de 2018, e “[c]om a permissão de Campbell, Shield e a Professora de estudos indígenas Deanna Reder, publicaram essas páginas integralmente na revista *Canadian Literature* em junho”²⁷ do mesmo ano. Em novembro de 2019, *Halfbreed* foi republicado pela editora McClelland & Stewart, dessa vez contendo os fatos que foram omitidos na sua primeira edição.

Já a escritora Lee Maracle (Sto:lo), publicou em 1975 seu primeiro livro, *Bobbie Lee, Indian Rebel*, de cunho autobiográfico. Junto com *Halfbreed*, constitui-se como um dos primeiros livros indígenas a ser publicado no Canadá. O livro reflete as lutas dos povos indígenas, e, em especial, o racismo e sexismo

²⁶

<https://www.cbc.ca/radio/asithappens/as-it-happens-wednesday-edition-1.4952400/maria-campbell-s-halfbreed-to-be-re-released-with-author-s-account-of-rape-by-mountie-1.4952406>

²⁷ Campbell's permission, Shield and Indigenous studies professor Deanna Reder published the pages in full in the journal *Canadian Literature* in June.

enfrentado pelas mulheres indígenas no país. Lee Maracle é uma escritora que vivenciou todas as dificuldades de ter acesso a melhores condições de vida e tem sido uma das vozes que não cansam de apontar essa desigualdade social, de gênero, étnico-racial no campo da literatura indígena.

No campo musical, artistas como iskwé, co-autora do romance gráfico objeto desta pesquisa, utiliza a música como espaço para questionar e dar visibilidade aos crimes que são cometidos contra mulheres indígenas no Canadá. Nobody Knows, por exemplo, foi a música na qual o romance gráfico "*Will I See?*" foi baseado. Já a música Little Star, que faz parte do álbum "*acâkosik*", lançado em 2019, foi uma resposta ao julgamento dos acusados da morte dos jovens indígenas Colton Boushie e Tina Fountaine.

Segundo iskwé, em entrevista para CBC²⁸, "Little Star" foi uma resposta direta a reportagens da mídia e a forma como essas foram descuidadas ao longo do julgamento de Gerald Stanley e Raymond Cormier". Ela disse ainda que "se sentiu em perigo. Ficou furiosa, magoada e assustada. ...pela forma como os corpos indígenas foram vistos como descartáveis e como esse sentimento pareceu estar se repetindo quando vemos a forma como a mídia representa essas histórias." (CBC, 2020)

Outro nome importante no cenário musical indígena canadense é Tanya Tagaq (Inuk) conhecida pelo seu canto gutural. Em 2014, a cantora foi vencedora do prêmio Polaris e, durante o evento, ela homenageou 1200 mulheres

28

<https://www.cbc.ca/radio/tapestry/discovering-yourself-through-music-1.5492634/i-felt-angry-i-felt-hurt-i-felt-scared-singer-iskw%C4%93-describes-motivation-behind-song-little-star-1.5495048>

e meninas indígenas desaparecidas ou que foram mortas nos últimos 30 anos tendo seus nomes reproduzidos na tela durante a sua performance.

Ainda outro segmento no qual pouco tem se falado sobre a participação indígena é na área de video games. Um nome de destaque é a professora, escritora e designer Elizabeth LaPensée (Anishinaabe / Métis) no contexto da América do Norte. Em 2014, ela trabalhou juntamente com o jornalista de games Daniel Starkey, para remover da internet o *remake* de *Custer's Revenge*, jogo que tinha por objetivo central fazer você ir de um lado da tela para o outro e estuprar uma 'princesa indígena'²⁹. LaPensée traz, através de *video games*, a cultura indígena e personagens que não são frequentemente vistos em games, além de agenciar reações contra más interpretações ou estereótipos negativos sobre indígenas, principalmente suas mulheres. Quando personagens indígenas estão presentes em jogos, assim como no cinema e tantas outras formas artísticas, eles são estereotipados e pouco ou nada da cultura é passada ao espectador.

Conforme vimos no primeiro capítulo, nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o número de publicações de histórias em quadrinhos escritas por indígenas. Levando em consideração aqueles produzidos sobre a temática da violência contra mulheres indígenas, podemos ver importantes publicações que merecem destaque neste estudo, que enfoca exatamente este tipo de produção no momento contemporâneo.

²⁹ "The whole goal of the game is for you to go from one side of the screen to the other to rape an 'Indian princess' ... who's pre-tied up at the other side of the screen," explained LaPensée. "And you win ... just by basically gaining points by raping her." <https://www.cbc.ca/radio/unreserved/unreserved-honours-the-strength-of-indigenous-women-1.3472826/indigenous-game-designer-challenges-stereotypes-1.3476519>

O primeiro exemplo que trazemos é *The Life of Helen Betty Osborne*: a *graphic novel*, de autoria de David Alexander Robertson, que foi publicado em 2008. Esse romance gráfico foi baseado na história real de Helen Betty, uma mulher Cree, da comunidade de Norway House, que foi assassinada em 1971, em Manitoba, Canadá. Betty era uma estudante que buscava realizar o sonho de ser professora. Numa certa noite, enquanto caminhava em direção a sua casa, foi abordada por quatro homens em um carro. Eles a sequestraram e a levaram para um local deserto, onde a violentaram e, por fim, cometeram o assassinato.

Em 2015, porém, Robertson decidiu recontar a história de Helen Betty e publicou um segundo romance gráfico intitulado *Betty: The Betty Osborne Story*. Conforme entrevista concedida à CBC Canadá³⁰, David Alexander “(...) afirmou que se sentiu compelido a escrever novamente esta história depois do assassinato de Tina Fontaine”, crime que teve uma grande repercussão no Canadá. A adolescente Tina Fontaine foi encontrada morta no Rio Vermelho, em Winnipeg, em 2014. Porém, não foi apenas o fato isolado da morte por assassinato de Tina que afetou o autor, mas também a marcha em memória da morte da adolescente, que contou com mais de mil pessoas, dentre elas, muitos indígenas e também não-indígenas.

Segundo David Alexander, “pela primeira vez percebi uma diferença palpável responsável no agrupamento de pessoas, não apenas de povos

³⁰ Disponível em:
<<https://www.cbc.ca/radio/unreserved/comics-graphic-novels-art-and-their-power-to-tell-stories-1.3316281/david-alexander-robertson-calls-graphic-novels-the-perfect-teaching-tool-1.3316294>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

indígenas, mas de todas pessoas, de várias idades, gêneros, culturas, o que trouxe uma grande esperança³¹” (CBC, 2019).

É possível reconhecermos o impacto destes textos não apenas para as comunidades indígenas, mas também para a sociedade canadense num sentido mais amplo. De acordo com Sarah Henz (2016), “[c]onhecer a história de Helen Betty não está apenas ligado ao fato de aprender algo sobre uma garota em particular: é um chamado para que se conheça as centenas de casos de mulheres indígenas desaparecidas e assassinadas em todo Canadá.”. É óbvio que as instituições colonizadoras que se instalaram nas Américas carregaram e esconderam muitos outros atos violentos ao longo dos tempos, principalmente contra corpos de mulheres. Contudo, se não é possível fazer um resgate retroativo completo, é fundamental que atos violentos no momento contemporâneo sejam amplamente reconhecidos, questionados e punidos.

Outros romances gráficos merecem destaque como, por exemplo, *Clear Skies*, que aborda a história de violência doméstica vivida por uma mulher indígena. Essa história em quadrinhos vai abordar os mais diversos tipos de violência, como abusos físico, financeiro, emocional, mental e sexual. Assim como outros livros publicados pela Indigenous Studio Story, *Clear Skies* tem por objetivo alertar as comunidades indígenas sobre um problema recorrente em muitos lares e, através desse romance gráfico, são divulgadas formas de ajudar as pessoas que se encontram nessa situação, apontando saídas através de contatos para auxílio.

³¹ “[f]or the first time I noticed a tangible difference where there was a coming together and it wasn't just Indigenous Peoples, it was everybody, all ages, genders, cultures and there was a lot of hope there”

A escritora Elizabeth LaPensée, que também está envolvida na área de histórias em quadrinhos e que já publicou nas antologias *Moonshot* Volumes 1, 2 e 3 (2015, 2016 e 2020, respectivamente), escreveu em 2015 o romance gráfico intitulado *Deer Woman: a vignette* sobre violência contra mulheres indígenas. Essa publicação evoluiu para algo maior e, em 2018, tornou-se uma antologia intitulada *Deer Woman: an anthology*, que traz histórias baseadas em casos reais que acontecem ao redor do mundo.

Ao analisar a pertinência do uso da mídia das histórias em quadrinhos para tratar de assuntos como os abusos sofridos por crianças nas *residential schools* e também do desaparecimento e morte de mulheres indígenas, a acadêmica Sarah Henzi (2016) diz que,

(...) através do uso de imagens, o efeito de que palavras por si só possam significar acaba reforçado, representando a estória do passado de forma vívida e quase imediata, tanto quanto a do presente; expressões faciais, paisagens, efeitos sonoros, legendas, diálogos, pontos de vista, sequências, linguagem corporal e relacionamentos contribuem para tornar a narrativa mais “real”, crível, talvez até menos ficcional; e, em segundo lugar, imagens falam para além de abismos linguísticos, culturais, e geracionais—um elemento que se torna cada vez mais importante devido a tais lacunas, causadas por vergonha, pela falta de educação e, ainda de forma mais importante, pelas políticas governamentais assimiladoras.³²

Neste sentido, partimos, em nosso terceiro capítulo, para a análise do romance gráfico *Will I see*, através da análise das imagens e textos que esta narrativa apresenta, enfim, do enredo construído pela perspectiva nativa sobre o

³² through the use of images, the effect that words alone may convey is reinforced, rendering the story of the past as vivid and quasi-immediate as that of the present; facial expressions, landscapes, sound effects, captions, dialogue, points of view, sequences, body language and relationships all contribute to making the narrative more “real,” believable, perhaps, even, less fictitious; and secondly, images speak beyond linguistic, cultural, and generational gaps—an element that is becoming increasingly important given those gaps, caused by shame, lack of education and, more importantly, governmental assimilation policies.

desaparecimento de jovens mulheres indígenas, casos que não tem aparentemente causado grande comoção por parte da sociedade canadense em geral. Sem dúvida, essa produção artístico-literária é um grito por reconhecimento e visibilidade, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO OBJETO

It haunts me like a memory
I just can't shake from my mind
Young hearts belong to somebody
They didn't take off and hide
Footsteps trace their path to be
So they walked alone, blind
No one knows what their eyes have seen
Or if they were traded in kind
When will I see you again, my friend
I don't know where you are
(iskwé)

O trecho acima refere-se ao início da música *Will I see?* composta por iskwé e Erin Leslie. Esta música, conforme anteriormente mencionado neste trabalho, foi transformada em romance gráfico numa colaboração com o escritor David Alexander Robertson. O responsável pela capa de *Will I See?*, bem como o trabalho ilustrativo da narrativa gráfica como um todo é o artista GBM Chomichuck, premiado escritor e ilustrador, que possui trabalhos em diversos ramos como cinema, televisão, livros e quadrinhos.

Neste capítulo, buscaremos analisar *Will I See?*, partindo, a princípio, dos elementos paratextuais, para depois analisar a história em quadrinhos propriamente dita. Para analisar o romance gráfico nos embasaremos principalmente nos estudos de Gérard Genette (2009) e Will Eisner (2008).

3.1 Elementos Paratextuais

Como forma de, nessa seção, exemplificar brevemente o que o campo da literatura tem compreendido por paratextos, ou elementos paratextuais,

buscamos aqui demonstrar de que forma esses se apresentam em *Will I see?*. Os paratextos como que margeiam o texto em si, sendo geralmente compostos por prefácio, posfácio, capa, contracapa, dedicatório, etc. Dessa forma, estes elementos marcam nosso primeiro contato com determinado material a ser lido.

Gérard Genette (2009), ao abordar os elementos que complementam um texto principal, diz que,

eles o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua 'recepção' e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.

Genette conclui que paratexto “é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Ao nos propormos a analisar um romance gráfico como *Will I See?*, que trata de um tema tão urgente e necessário nos dias atuais no Canadá, porém não se restringindo apenas a este país, notamos que não é apenas a história em si que faz-se importante. Os elementos, ou paratextos, que acompanham esse texto principal são muito ricos em informações que complementam não só a obra, mas a discussão acerca da violência contra mulheres indígenas, levando os/as leitores/as a terem um contato mais intenso e imediato com o que o material ali apresentado propõe.

Ao discutir a tradução do romance *Ponciá Vicêncio*, Rosângela Araújo, Doutora em Letras pela UFPB, apresentou algumas ideias que nos auxiliam a observar a representação que, no caso da nossa pesquisa, os indígenas fazem ao trazer a temática da violência para suas narrativas. Como destaca Araújo (2012, p. 137), qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres etc.) seria o lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara, o que é de grande interesse para nossa pesquisa.

Portanto, é claro que esses elementos paratextuais são, em grande parte, responsáveis pela forma como uma obra é percebida por seus futuros leitores e leitoras, tornando importante a escolha da capa, da pessoa ou dos

elementos que assumem lugar de prefaciadores, de qual tipo gráfico é utilizado para o título, quais cores se destacam, etc. Neste sentido, tomamos aqui alguns elementos paratextuais do romance gráfico *Will I see?*, a título de ilustração das análises posteriores que desenvolveremos.

Iniciamos com a análise da capa (ver Figura 1: Capa), que é um dos elementos mais impactantes e que carrega muito significado: o título. De acordo com Eisner (2008, p. 09), “as letras de um alfabeto escrito, quando escritas em um estilo especial, contribuem com o significado.”. Portanto, ao analisarmos uma narrativa gráfica devemos levar em consideração não só as imagens ou o conteúdo do texto que está atrelado a esta imagem, mas também como esse texto está apresentado; quais foram as opções estéticas adotadas pelo ilustrador em cooperação com os escritores da obra, para dar significado ao que está sendo representado. Qual o impacto dessas escolhas?

Figura 06 - Capa



(ISKWÉ, 2016)

O título da música foi mantido no título do romance gráfico em questão e essa pergunta, que é várias vezes repetida ao longo da música, funcionando como uma espécie de estribilho, é apresentada na capa de forma marcante. A pergunta que ressoa se refere ao desaparecimento de mulheres indígenas e a voz narrativa se questiona se poderá vê-la novamente.

É também possível observar, por exemplo, que a fonte utilizada passa uma ideia de mistério, lembrando fontes frequentes em histórias de suspense. Ainda segundo Eisner (2008, p. 03-04), “a escrita das letras (manuscritas ou reproduzidas em tipos), quando trabalhadas graficamente e estando à serviço da história, funciona como uma extensão das imagens”. No caso de romance gráfico em foco, o questionamento presente no título não está apenas direcionado à personagem principal da história, mas sim, estende-se a todas as mulheres indígenas que correm o risco diário de serem vítimas de atos de violência praticados tanto por indígenas, como não-indígenas. Podemos considerar ainda que o título extrapola a página e coloca essa inquietação aos leitores e leitoras do material, questionando se esses/essas conseguirão dar algum sentido a tal pergunta, compreendendo, de fato, a dimensão das possíveis respostas atreladas a essa. Entenderão o problema? Conseguirão ver a dimensão do que ocorre?

Além do título, vários outros elementos importantes para a narrativa estão presentes na capa e estão dispostos lembrando quase uma colagem, sendo apresentados sobre um fundo branco-acinzentado, trazendo imagens sobrepostas nas cores preto, vermelho e ainda em vários tons de cinza. May, a personagem principal, aparece em destaque, numa posição central, aparentando estar em movimento - pela forma como se posiciona, uma perna e um dos braços à frente - passando a ideia de que está em deslocamento. O gato, que acompanha a personagem em suas andanças pela cidade, também está disposto de maneira próxima à garota, enfatizando, assim, essa ideia de movimento, neste caso, uma caminhada acompanhada.

Em primeiríssimo plano vemos uma *medicine bag*, uma espécie de recipiente costurado à mão onde geralmente são guardados elementos sagrados pelos indígenas, sendo carregados junto ao corpo como proteção, como amuleto.

Portanto, mesmo que a jovem e o gato pareçam apreensivos, o tal objeto abre os caminhos por onde ambos se deslocam, insinuando alguma segurança que persiste, apesar das cores cinza, preto e vermelho um tanto carregadas. A pequena bolsa ou sacolinha, espécie de amuleto que sua avó lhe deu para carregar os pertences encontrados, apostando que o que não é visível num momento pode vir a tornar-se assim, em outro, tem um importante significado para a narrativa.

O movimento de deslocamento da jovem remete às andanças da personagem pela cidade e ao momento em que a personagem entra em contato com os objetos pertencentes às mulheres desaparecidas, vítimas de violência, sendo esses apresentados como provas e resíduos do ocorrido com tantas jovens que ela vai encontrando pelo caminho.

Apesar do título central, em língua inglesa (*Will I see?*), este não é a única forma escrita presente na capa. Conforme podemos observar, no canto inferior direito, temos o idioma *Cree*, língua dos ancestrais dos escritores desta narrativa. Tais elementos linguísticos estão presentes na capa ao lado do gato, personagem que acompanha e protege May durante o desenrolar da história. A língua está representando os ancestrais, na verdade, uma das línguas das Primeiras Nações do Canadá, sugerindo que a cultura indígena resiste, ou seja, há indícios claros de resistência e sobrevivência na narrativa que se apresenta.

A seguir, temos a sobrecapa, que além de apresentar novamente o título na mesma fonte da capa e detalhar informações sobre a autoria da história e ilustração do romance gráfico em questão, traz também um alerta de gatilho: a violência contra mulheres. É importante ressaltar esse tipo de informação e o quanto ela é necessária pois, principalmente no campo de estudos de histórias em quadrinhos, onde, muitas vezes, esses textos são instantaneamente associados ao público infantil, alertas como esse são necessários. Um exemplo disso pode ser visto em várias livrarias. Vivi essa experiência ao visitar uma das maiores livrarias canadenses em Winnipeg e, ao procurar pelo título *Will I See?*, descobri que estava localizado no primeiro andar, local direcionado ao público infantil. Portanto, a partir do olhar ocidental, ilustração acompanhada de textos mais curtos só pode

ser material literário direcionado ao público infantil, ainda incapaz de “ler” propriamente.

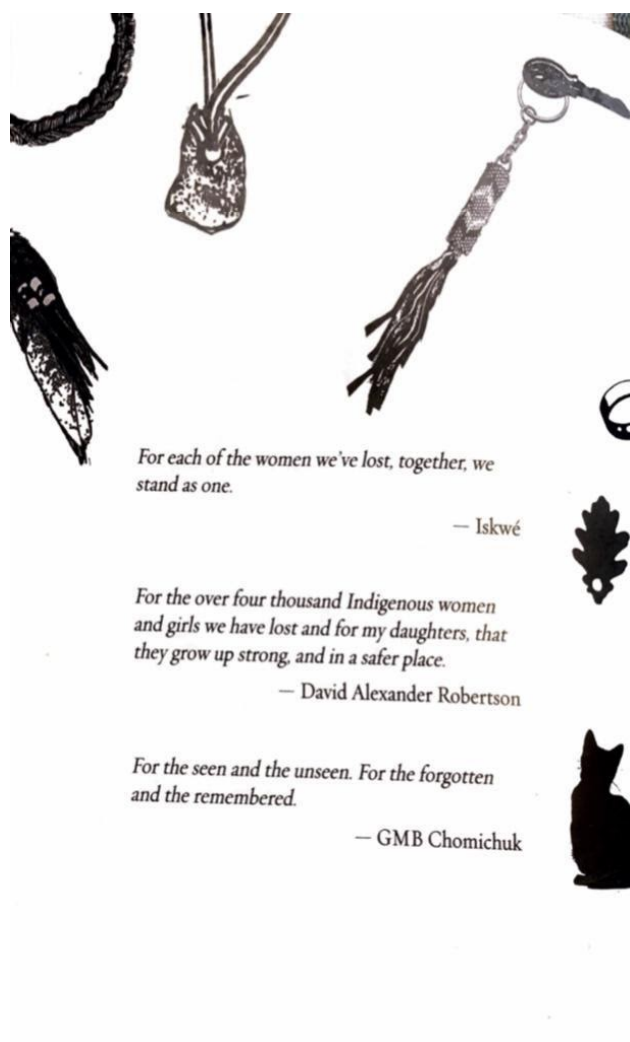
Vale apontar desde já que a relação da leitura de outros elementos para além das letras em si sempre fez parte das práticas indígenas de conhecimento. Contudo, voltemos a Genette (2009, p. 31),

“[a] função mais evidente da sobrecapa de chamar a atenção por meios mais espetaculares do que aqueles que não se pode ou não se quer permitir numa capa: ilustração chamativa, menção de uma adaptação cinematográfica ou televisiva, ou apenas uma apresentação gráfica mais agradável ou mais individualizada que as capas de coleção não permitem.

Portanto, a sobrecapa de *Will I see* segue esta lógica apresentada por Genette quanto à sobrecapa, trazendo algo menos convidativo, mas necessário, logo após a capa. Podemos perceber, já nestes primeiros elementos paratextuais, que os destaques dados em *Will I see?* apontam para o tema da violência contra mulheres indígenas desde o primeiro momento, indo do sutil ao explícito.

Na página de dedicatórias, também apresentados como paratextos, iskwé, David Alexander Robertson e GMB Chomichuk dedicam este romance gráfico às mulheres e meninas indígenas vítimas de violência: “para todas as mulheres que perdemos; juntas, somos uma só”, diz iskwé.

Figura 07 - Dedicatória



(ISKWÉ, 2016)

Nesta seção de dedicatórias temos alguns elementos que margeiam a página, servindo de moldura para as mesmas. Esses elementos são os objetos achados pela personagem principal da história em suas andanças pela cidade. Tais objetos pertenciam às mulheres que sofreram violência e estão nessa página

simbolizando justamente essas, muitas desaparecidas, outras, encontradas mortas. Portanto, é possível inferir que o romance gráfico em questão se anuncia como feito com esse propósito – uma homenagem, uma visibilidade de tais casos, uma denúncia, inclusive.

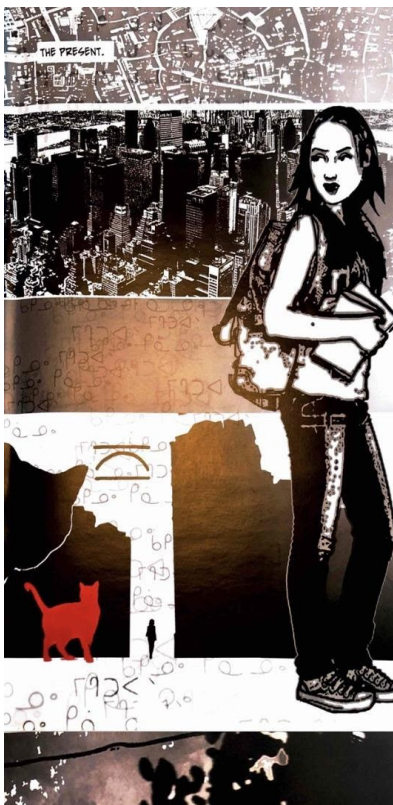
Ainda há outro elemento - a contracapa. No caso de nosso romance gráfico, a contracapa é toda vermelha, com escritos menores sobre essa superfície avermelhada. Podemos suspeitar que o fundo da estória implicará em relatos violentos ou, no mínimo, violência sugeridas e confirmadas, provas de vidas ceifadas de jovens mulheres indígenas, elementos não respeitados pela cultura branca, europeizada, sexista, discriminatória. Talvez esta denúncia tenha apenas possibilidade de algum sucesso em sua tentativa de buscar por justiça ao escapar do discurso linear, cartesiano, misturando imagens, textos, símbolos sugeridos, etc.

Dessa forma, adentramos, a partir de agora, o miolo do romance gráfico, o que compõe seu cerne via elos entre imagens e palavras, entre falas e silêncios, entre cinzas e vermelhos.

3.2 Análise de *Will I See?*

Partindo para a análise da história em quadrinhos propriamente dita, um dos aspectos que podemos observar é a pouca utilização de diálogos. A história é contada em sua maior parte por meio do uso de imagens, através das cores utilizadas e na maneira como os quadros são dispostos. De acordo com Eisner (2008), “[é] possível contar uma história apenas por meio de imagens sem a ajuda de palavras” (p. 10). Ele diz ainda que “[a] ausência de qualquer diálogo para reforçar ações serve para demonstrar a viabilidade das imagens a partir da experiência comum” (p. 10)

Figura 08 - Primeira página



(ISKWÉ, 2016)

Na primeira página de *Will I See?* o único texto apresentado diz: “The present”. Portanto, é a partir do momento presente da estória contada que descobertas sobre o acontecido recentemente será desvendado. Ao fundo podemos ver uma imagem aérea de uma cidade e, logo abaixo, um outro ângulo mostrando vários prédios, também de algum grande centro, agora visto de forma mais aproximada. Essas imagens levam o/a leitor/a ao tempo daquela história, neste caso, referindo-se ao Canadá contemporâneo. Apesar de não ter outros balões com textos, nessa primeira página podemos observar várias inscrições em *Cree*, língua do grupo indígena do qual fazem parte os escritores da história e de

seus ancestrais. Essas inscrições nos fazem lembrar de marcas rupestres, tantas vezes deixadas como resíduo cultural de grupos variados, isso principalmente para não falantes de Cree, já que os falantes saberão fazer sentido a partir daqueles símbolos gráficos, já que, aqui, esses símbolos não são de grupos exterminados, e sim, daqueles homens e mulheres que continuam a viver e produzir culturalmente.

Ainda nesta primeira página, são apresentados dois personagens muito importantes para a história: May, a protagonista, e a gata que ela encontra logo no começo da história. May está em primeiro plano, sobrepondo-se aos painéis; seu corpo apontando para uma direção, porém ela está olhando para trás. Isso nos faz remeter ao que acontece com muitas mulheres e a insegurança de andar sozinha pelas ruas, por um lado. Por se tratar de uma mulher indígena, esse medo é muito maior, levando-se em conta as estatísticas de violência a qual muitas estão sujeitas ao longo da vida. Porém, por outro lado, podemos imaginar que ela mira as bases de sua cultura – olha para trás a fim de se reconhecer em seus ancestrais, nas práticas culturais dos antigos. Suas vestimentas são da atualidade, calça jeans, tênis, sendo apresentada aqui como tantas outras jovens canadenses.

Já a gata, que aparece duas vezes nesse primeiro momento, está num primeiro plano em preto, e um pouco menor, mais ao fundo, em vermelho. Essas duas cores são muito importantes para a narrativa. O preto vai ser a cor que apresenta os elementos principais da história, talvez a fim de salientá-los contra o fundo branco, e o vermelho está presente nas representações de violência no romance gráfico em questão.

Podemos observar também, num plano que parece mais afastado, a figura de uma mulher caminhando entre dois paredões muito altos, onde o espaço entre esses é bem estreito. Acreditamos que possa estar sendo sugerido aí o sentimento de insegurança e solidão que muitas mulheres indígenas se deparam na sociedade contemporânea; ou ainda, o perigo de atravessar canais apertados, penhascos gigantescos, de difícil acesso, para jovens ainda pequenas em sua estatura física e força interior. Enfim, é o prenúncio de perigos enormes que serão enfrentados por algumas mulheres representadas.

Como mencionado acima, podemos visualizar também muitas inscrições na língua *Cree*, que reforçam a presença da cultura, da ancestralidade indígena que acompanha a jovem em seu caminho solitário por terrenos tortuosos. Partindo do princípio da leitura por meio da experiência comum, ao se deparar com romances gráficos como *Will I See?*, muitas são as interpretações dependendo do local a partir do qual aquele espectador vê. Will Eisner (2008, p. 20) diz também que,

Imagens sem palavras, enquanto parecem representar uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, na realidade exigem certa sofisticação por parte do leitor (ou espectador). São necessárias tanto experiências em comum quanto toda uma história de observação para interpretar os sentimentos internos do ator.

Quando analisamos as imagens em uma história em quadrinhos, os painéis são elementos que merecem destaque, pois eles contribuem para as ações e trazem muito significado na maneira como estão dispostos, ou em como são delimitados, ou não. Em *Will I See?*, os quadros são utilizados de forma muito interessante e são elementos que enriquecem o enredo.

Os/as leitores/as são surpreendidos/as, na segunda página do romance gráfico, por um painel único, que toma conta da página inteira, não havendo qualquer limitação ou moldura. Nesse quadro, podemos ver sob o mesmo ângulo da personagem da gata, no momento em que vê May pela primeira vez. O painel traz um certo mistério, reforçado pelo uso das cores e de elementos como as árvores e o sombreamento utilizado. Vale mencionar que vamos nos referir a representações que discutimos, após essas primeiras páginas, a partir da reprodução da própria imagem da página específica, já que, seguindo a linha dos quadrinhos, o livro não tem páginas numeradas. Portanto, vamos indicar as próprias representações, numerando as gravuras em ordem crescente, a fim de não haver confusão de referências.

Na página seguinte, já no primeiro painel, podemos visualizar a personagem central, May, posicionada da mesma forma como apareceu na

primeira página, seu rosto transmitindo um sentimento de medo, pois está sozinha e tem a impressão de ter alguém a seguindo. Nesse momento, dá-se o encontro entre a personagem principal e a gata. É possível perceber nos próximos painéis, uma interação desses personagens - as cores mudam, tendo uma incidência da cor amarela, seguida, na próxima página, por um fundo mais amarronzado, apagando, de certa forma, as árvores que, nos painéis anteriores, transmitiam um ar de suspense e perigo.

Em seguida ao encontro entre a jovem e o animal, May decide voltar, acompanhada pela gata, à casa onde vive com sua avó. Porém, no caminho, a gata vai encontrando objetos, os quais May guarda dentro de uma pequena bolsa que carrega em volta do pescoço, uma espécie de um bundle para guardar objetos sagrados. O primeiro objeto encontrado é um brinco de penas e, no último painel da página, onde o objeto é colocado em primeiro plano, podemos observar, no plano de fundo, uma mulher sendo violentada. O local em que tal brinco é encontrado parece ser ermo, talvez um cais de porto, sendo que o objeto apareceu embaixo de uma escadaria de madeira, local provavelmente pouco frequentado e perfeito para crimes do tipo sexual, já indicando um isolamento quase absoluto.

Figura 09 - Violência 1



(ISKWÉ, 2016)

Esse é o primeiro momento na narrativa onde podemos visualizar a cor vermelha que, neste caso, está simbolizando o sangue da vítima da violência, anunciado como tendo ocorrido no momento em que aquela mulher provavelmente lutou, acabando por perder o brinco. A mulher aparece gritando, o que é sugerido pelo quadrinho, e as mãos do agressor estão apertando seu pescoço. É possível ver claramente o rosto da mulher, porém o homem que a está violentando está encoberto pela sombra das árvores; o corpo do homem aparece como se fosse transparente, quase um fantasma, sem forma clara, sugerindo anonimato. E, assim, ao longo do caminho até sua casa, May se depara com vários elementos, traços da violência sofrida por várias mulheres indígenas e acaba coletando e guardando na *medicine bag* todos esses resíduos de vidas provavelmente ceifadas. Nós, leitoras/es, vamos suspeitando de que sejam objetos deixados para trás durante vários atos violentos, suspeita que só será confirmada, mais adiante, pela avó de May.

Ao chegar em casa, temos o encontro da personagem principal e sua avó, onde uma importante conversa sobre a questão da violência contra mulheres indígenas acontece. Nesse momento, um único painel, sem divisórias ocupa a página inteira, sendo margeado pelos elementos que foram encontrados ao longo do caminho e que pertenciam às mulheres que sofreram violência. A avó pergunta: “Você sabe o que tem acontecido, o que está acontecendo com nossas mulheres?”. Logo abaixo, estão os rostos de várias vítimas da violência.

Figura 10 - May e a avó



(ISKWÉ, 2016)

Portanto, é nessa conversa entre mulheres de gerações diferentes que nos é apresentada a violência histórica contra as jovens indígenas. A avó pergunta se foi por essa coleta de objetos que a neta se atrasou e ela confirma que sim, perdeu a noção do tempo. Podemos inferir que o tempo aqui não é mesmo tão determinante, já que tais violências foram ocorrendo ao longo de séculos após a colonização. Como bem aponta María Lugones em seu texto *Colonialidade e*

gênero (ano, p. 58), ela entende “a indiferença diante da violência sofrida pelas mulheres em [nossas] comunidades como uma indiferença diante das transformações sociais profundas em nossas estruturas comunais, e por isso totalmente relevantes à recusa da imposição colonial”. Portanto, trazer em destaque o que foi colocado como indiferente, não importante, tem alto caráter político de libertação no que se refere a corpos femininos historicamente violentados.

Partindo para a análise do ato de violência vivenciado pela personagem em *Will I see?*, podemos ver uma semelhança do que é aqui representado com o que aconteceu com a jovem indígena Helen Betty Osborne. Conforme mencionado no capítulo anterior, Betty caminhava sozinha pela rua quando foi sequestrada por quatro homens num carro. No caso de May, ela é abordada por um homem, cujo rosto é difícil distinguir, assim como os demais agressores que vimos ao longo desse romance gráfico.

Figura 11 - May e seu agressor



(ISKWÉ, 2016)

Em *Will I see?*, a jovem May é colocada à força dentro de um carro e é levada para um lugar ermo, isolado. “Don’t act like you don’t want it”, diz o agressor, que completa dizendo “you all do”. Ou seja, “não finja como se você não quisesse – vocês todas querem”. Além de tentar se apropriar do corpo de uma mulher, o agressor tenta se apropriar da mente dela, já que sabe o que essa quer, deseja, deve receber. Sem dúvida, o sexismo, além do racismo, estão fortemente presentes neste tipo de agressão. Ele ainda complementa – “Você acha que alguém vai parar por causa de uma jovem indígena? ”. Portanto, o fato de ser branco, seu lugar de poder como homem branco, lhe dá segurança em suas ações.

Figura 12 - Reação de May



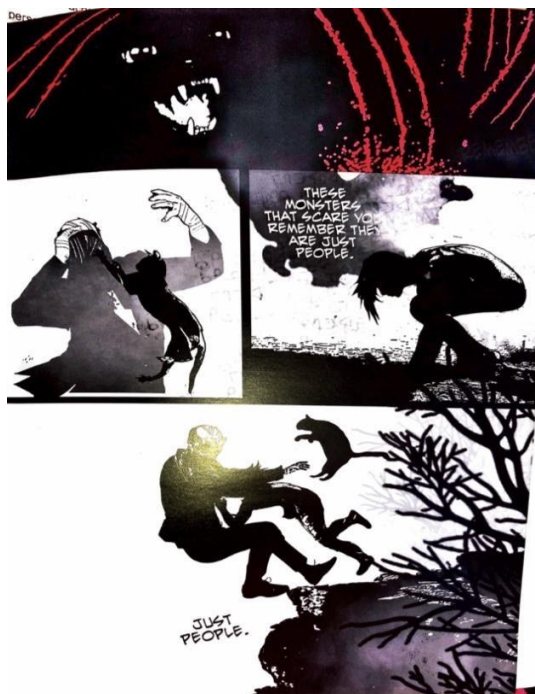
(ISKWÉ, 2016)

Claramente a gata aqui é o animal que a defende, protegendo o tempo todo. Ela não está só por ter esse animal ao lado e se salva por conta disso. Se em outras culturas o gato preto significou sempre azar, má sorte, aqui percebemos que não existe sinal de tal conotação. Não apenas os felinos, mas todos os animais são apresentados de forma mais próxima dos humanos em narrativas nativas, sendo considerados como fundamentais para a sobrevivência.

Em seguida, podemos ver a imagem do agressor ganhando cada vez mais um aspecto monstruoso, longe de ser humano e, em certo momento da narrativa, algo que se assemelha a uma fumaça sai desse personagem, projetando-se verticalmente. Em seguida, é apresentado um painel com uma vista da cidade e podemos ver vários rastros espalhados, o que denota outros tantos episódios de violência contra mulheres indígenas que estão acontecendo naquele mesmo momento.

Após esta cena, podemos observar a personagem principal tentando fugir do agressor. A personagem parece estar em movimento, correndo. O agressor, ao contrário, segue May de maneira tranquila, como se ele já conhecesse bem aquele lugar para o qual ele a levou, tendo a certeza de que a jovem não teria como escapar. Isso também demonstra que essa provavelmente não é a primeira vez que esse tipo de crime é cometido naquele lugar distante, periférico, por onde poucas pessoas costumam circular. O fundamental é que, desta vez, a moça perseguida não está só – os objetos que foram abandonados por outras mulheres, as estórias, a gata e a avó a protegem. A reação só será possível por isso, por May conseguir vencer o medo e enxergar suas próprias forças.

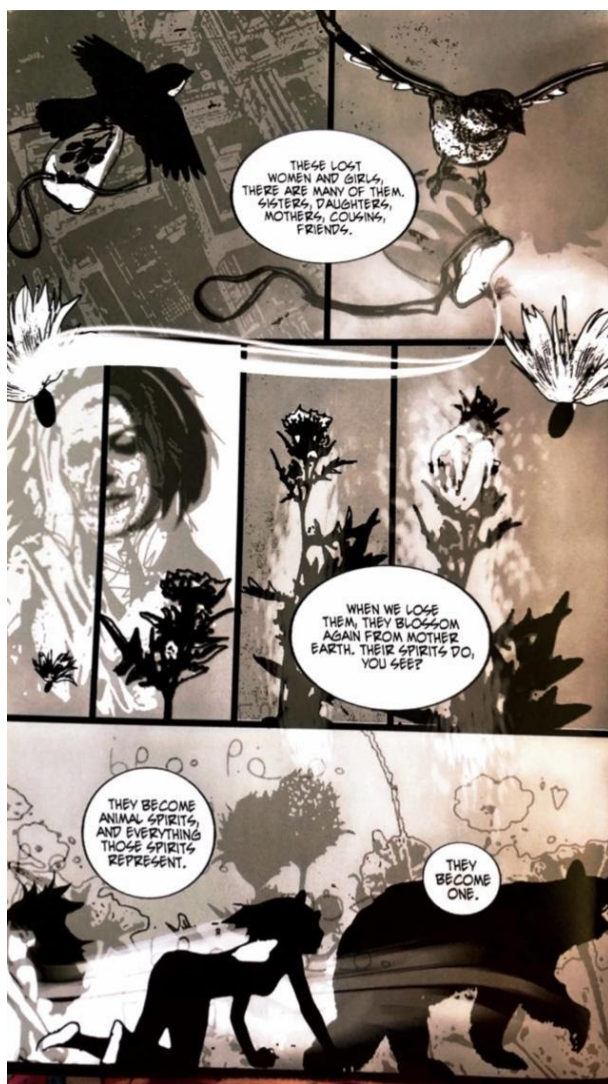
Figura 13 - Luta corporal



(ISKWÉ, 2016)

May luta contra o agressor, enfim, reage; é possível observar que ela está carregando o bundle contendo os objetos que foi recolhendo no dia anterior. A gata então aparece e, em gesto de proteção para com May, ataca o agressor, que acaba caindo do penhasco. Na verdade, gata e jovem se unem no empurrão do mal personalizado para baixo do penhasco, que acaba morrendo, já que o próximo quadrinho só indica um corpo caído e a cor vermelha em sua volta. Claramente a gata aqui é o animal que a defende, protegendo o tempo todo. Ela não está só por ter esse animal ao lado e se salva por conta disso.

Figura 14 - A Medicine Bag e os animais como proteção

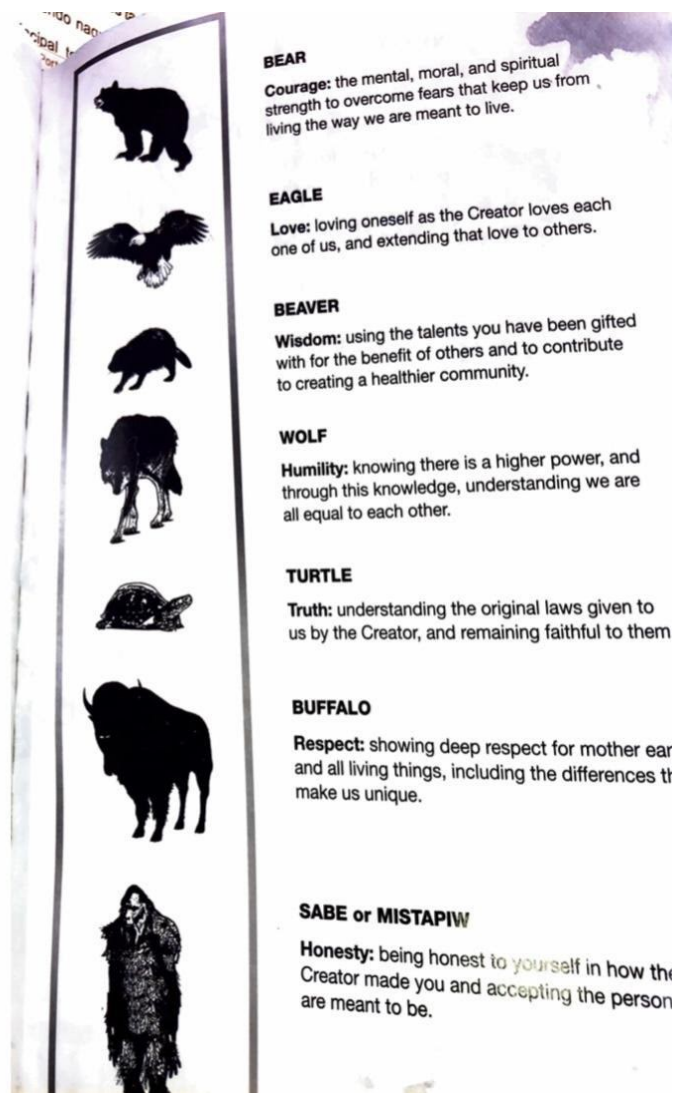


(ISKWÉ, 2016)

Ao final da história, May volta para casa e relata à avó tudo que vivenciou e como sobreviveu. Elas concluem que tanto o bundle quanto as flores que colheu pelo caminho devem ser distribuídas, para que as mulheres assassinadas não sejam esquecidas. Há uma ideia de que há linhagens de mulheres se protegendo mutuamente, sendo essa a saída que se apresenta para sobreviver – ou seja – dar informação às jovens, conhecimento sobre suas culturas e seus poderes, respeitando os saberes que os idosos podem repassar, é fundamental. Na última página do livro são listados os clãs de animais, com suas

potencialidades. Assim, saber com quem contar é a estratégia de sobrevivência e resiliência que reconhecemos ao longo desta estória. Na busca por essa proteção, trazemos a imagem destes animais ao final do capítulo.

Figura 15 - Poderes dos animais



(ISKWÉ, 2016)

BREVES CONCLUSÕES

Esta dissertação teve por objetivo analisar o romance gráfico intitulado *Will I See?* (2016), de iskwé e David Alexander Anderson sob o ponto de vista da questão da violência contra mulheres indígenas. A análise buscou verificar o aumento na produção de história em quadrinhos por escritores e ilustradores indígenas canadenses e como esse tipo de produção tem propiciado um campo de discussão acerca da epidemia da violência contra mulheres e meninas indígenas no país.

Para tanto, no primeiro capítulo, fizemos um breve histórico das histórias em quadrinhos com a finalidade de, então, poder adentrar o campo dos quadrinhos indígenas, discutindo como este gênero tende a ser utilizado, ou melhor, reinventado, pelos indígenas. Foi possível verificar que a produção dos quadrinhos tem sido frequente e relevante por parte de grupos indígenas, objetivando passar informações e conscientizar a população, principalmente os jovens através de uma linguagem contemporânea, apoiada diretamente em imagens. Porém, podemos observar, que esse tipo de produção também se destina aos não-indígenas, pois busca alertar para os principais problemas enfrentados e que são negligenciados pelos governantes no que se refere a diversas minorias, no caso, os grupos nativos, além de contribuir para que, através das imagens construídas, escritores e ilustradores possibilitem que tais grupos não sejam mais retratados de forma estereotipada aos olhos de culturas que lhes são estranhas, com visões de mundo completamente diversas.

No segundo capítulo, abordamos o tema da violência especificamente, partindo tanto de conceitos mais gerais, produzidos a partir de

indigenistas estudiosos da temática, como por parte de scholars aborígenes, interessados na temática por motivos concretos que afetam as taxas de sobrevivência de seus grupos. Assim, foi possível observar uma considerável disparidade em números ao se comparar a realidade das mulheres indígenas e não-indígenas no que se refere à violência enfrentada. Buscamos tentar entender as raízes dessa violência vivida por mulheres indígenas, para depois trazermos para a contemporaneidade e verificar os mais variados tipos de produções que trazem essa temática principal.

Para finalizar, no terceiro capítulo, analisamos o romance gráfico objeto de nosso estudo, partindo primeiramente dos elementos paratextuais, como que preparando nossos leitores e leitoras, principalmente os não-indígenas, para adentrarem esse território cultural. Em seguida, partimos para a análise da narrativa gráfica propriamente dita, buscando trabalhar nos textos os elementos que trazem a marca da violência. Assim, analisamos cores utilizadas, lugares representados, elementos extra-texto fundamentais, além das personagens principais que circulam por aquela cidade ali representada.

Como lemos em texto de Srivastava (2016, p.596)³³ mencionado anteriormente, os romances gráficos estão atrelados

(...) à real essência dos quadrinhos ou de qualquer tipo de arte sequencial é conectar os arranjos dos elementos em tal ordem que se consiga construir significado a partir deles. Ler tais gêneros tem tudo a ver com a construção de sentido quanto ao que é visto e o que **não é visto**; quanto **ao visível e o invisível**. (destaque nosso)

Ao final de nosso trabalho de pesquisa, acreditamos que o título do romance gráfico selecionado para nosso corpus, ou seja, *Will I see?* indicou,

³³ The real essence of the comic or any type of sequential art hinges on the arrangement of elements in an order which creates meaning out of it. Reading this genre is all about creating sense out of the seen and the unseen and the visible and the invisible

desde o início, nossa intenção ao realizar o presente estudo: tentar dar voz a quem tenta entender o absurdo de ataques violentos entre grupos étnicos diversos em um país que sempre se apresentou como aberto a imigrantes, a pessoas de outros países, mas que vem negligenciando, por questões ainda atreladas a fatores coloniais, suas populações nativas. Dar visibilidade a essas mulheres que sofrem violência foi nosso maior objetivo.

Como já foi verificado que órgãos policiais canadenses não tem dado a devida atenção a esse tipo de violência, não abrindo inquéritos e nem dando continuidade a buscas por culpados nos casos de violência contra as jovens assassinadas ou desaparecidas; talvez produções artísticas, enfim, textos literários e outras formas de manifestação, sejam as únicas maneiras de impactar e conscientizar radicalmente a sociedade canadense contemporânea sobre tais questões fundamentais para que aquele país possa, de fato, ser considerado como desenvolvido.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Paula Gunn. *The Sacred Hoop: Recovering the Feminine in American Indian Traditions*. Boston, Beacon Press, 1992.
- CAMPBELL, Maria. *Halfbreed*. Lincoln: Nebraska University Press, 1982.
- CLOUD, Mc. Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Detroit: Makron Books, 1995.
- DAIGNEAULT, Taylor Métis et al. *Indigenous Comics and Graphic Novels: An Annotated Bibliography*. Jeunesse: Young People, Texts, Cultures, v. 11, n. 1, p. i-xxxvi, 2019.
- EISNER, Will. *Comics and sequential art: Principles and practices from the legendary cartoonist*. WW Norton & Company, 2008.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GREEN, J. A. *Making Space for Indigenous Feminism*. 2 ed. Halifax: Fernwood Publishing, 2017.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte, Mazza, 2013.
- HARGREAVES, Allison. *Violence against Indigenous women: Literature, activism, resistance*. Wilfrid Laurier Univ. Press, 2017.
- HARJO, Joy and Gloria Bird, ed. *Reinventing the Enemy's Language: Contemporary Native Women's Writings of North America*. New York: W. W. Norton, 1997.

HENZI, Sarah. "A Necessary Antidote": *Graphic Novels, Comics, and Indigenous Writing*. Canadian Review of Comparative Literature/Revue canadienne de littérature comparée, v. 43, n. 1, p. 23-38, 2016.

HOPKINS, Zoe et al. *Clear Skies: a family violence story*. Healthy Aboriginal Network, 2018.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio, Imago, 1991.

iskwé. *Little Star*. acākosīk. 2019.

iskwé. Nobody Knows. *The Fight Within*. 2017.

LaPensée, Elizabeth. *Deer Woman: A Vignette*. Native Realities Press, 2015.

LaPensée, Elizabeth. *Deer Woman: An Anthology*. Native Realities Press, 2017.

MARACLE, Lee. *Bobbi Lee Indian Rebel*. Toronto: Women's Press Literary, 1990.

MITCHELL, Brandon et al. *Lost Innocence*. Healthy Aboriginal Network, 2013.

RHEAULT, Sylvain. *A surge of Indigenous graphic novels*. Journal of Graphic Novels and Comics, p. 1-21, 2020.

ROBERTSON, D. A. *Betty: The Helen Betty Osborne Story*. Portage & Main Press, 2016.

ROBERTSON, D. A. *David Alexander Robertson calls graphic novels the perfect teaching tool*. Entrevista concedida à CBC Radio. Disponível em: <<https://www.cbc.ca/radio/unreserved/comics-graphic-novels-art-and-their-power-to-tell-stories-1.3316281/david-alexander-robertson-calls-graphic-novels-the-perfect-teaching-tool-1.3316294>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

ROBERTSON, D. A. *The Life of Helen Betty Osborne: a graphic novel*. HighWater Press, 2008.

ROBERTSON, David A et al. *Will I See?*. Portage & Main Press, 2017.

SCHNEIDER, Liane. *Escritoras Indígenas e a Literatura Contemporânea dos EUA*. João Pessoa: Idéia, 2008.

SRIVASTAVA, V. *Graphic Novels: visual narrative theory and its pedagogical relevance*. International Journal of English Language, Literature and Translation Studies (IJELR). Vol. 3. Issue.2., 2016.

The Body Remembers When the World Broke Open. Direção de Elle-Máijá Tailfeathers e Kathleen Hepburn. Canada: Experimental Forest Films e Violator Films, 2019.

TIGER, Yvonne N. *Indigenizing the (final) frontier: the art of Indigenous storytelling through graphic novels*. World Art, v. 9, n. 2, p. 145-160, 2019.

VAN CAMP, Richard et al. *Kiss Me Deadly*. Healthy Aboriginal Network, 2011.

WIND River. Direção de Taylor Sheridan. Estados Unidos: Wild Bunch e Ingenious Media, 2017.